

# REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Número 8

Manaus—Amazonas



Setembro—1958

## PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

---

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
N.º 1	Péricles Moraes	vaga
" 2	Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier ( eleito )
" 3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
" 4	Sílvio Romero	Aderson Andrade de Menezes
" 5	Araújo Filho	André Vidal de Araujo
" 6	Adriano Jorge	vaga
" 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
" 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
" 9	Machado de Assis	vaga
" 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
" 11	José Veríssimo	Djalma Batista
" 12	Olavo Bilac	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
" 13	Tobias Barreto	vaga
" 14	Barão de Santanna Nery	Moacyr Rosas
" 15	Graça Aranha	João Mendonça de Sousa
" 16	João Leda	vaga
" 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
" 18	Jonas da Silva	Aristophano Antony
" 19	Coelho Neto	Genesino Braga
" 20	João Ribeiro	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
" 21	Tenreiro Aranha	vaga
" 22	Fárias Brito	Manuel Anísio Jobim
" 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
" 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
" 25	Araujo Lima	vaga
" 26	Rui Barbosa	Waldemar Pedrosa
" 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
" 28	Anibal Teófilo	Américo Antony ( eleito )
" 29	Capistrano de Abreu	vaga
" 30	Castro Alves	Thiago de Mello

# REVISTA

DA

## Academia Amazonense de Letras

---

---

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA: — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

---

---

ANO XL

N.º 8

1958



## DIRETORIA

Presidente — LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Vice-presidente — DJALMA BATISTA

1.º Secretário — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

2.º Secretário — MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

Bibliotecário — MAVIGNIER DE CASTRO

Presidente de Honra

General NELSON DE MELO

Diretor da Revista

Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

As humanidades fê-las o autor no Lycée Louis-le Grand, em Paris, o mais antigo ginásio de França e um dos mais renomados educandários da velha Europa.

Tenho para mim que foi lá, no Lycée Louis le Grand, lendo e estudando as "Georgicas" de Vergílio, as "Harmônias da Natureza" de Bernardin de Saint-Pierre e o "Gênio do Cristianismo" de Chateaubriand, que estalou em chispas o seu formoso talento e assimilou a enargia do estilo que revela nas páginas rútilas de "Amazônia Panteista".

Após uma estada de dez anos, na qual visitou quase todos os países da Europa, vendo os pináculos alpinos coroados de neve, as faldas do Monte Branco, as águas tranquilas do Lago Lemán, e já enfarado ou entediado dos grandes centros da arte e da ciência — regressou ao Brasil, via Rio de Janeiro — Ceará, onde nem as suntuosidades da bela Guanabara nem as areias alvas beijadas por líquidas esmeraldas das terras de Iracema, lhe seduziram os sonhos de poeta e prosador magnífico.

Foi aqui, sob êste céu escampo da nave da catedral da Amazônia; foi aqui, diante da selva incomensurável, dos seus aspectos titânicos, olhando a incomparável bacia hidrográfica, que êle percorreu na maior parte, que o seu espírito se empolgou pelos arcanos da mais bela natureza!

E expluiu, então, o gênio descritivo do ourives da palavra e do cinzelador de imagens!

Meus senhores,

E' quase estranhável, senão paradoxal, que neste século de armas nucleares e lançamento de satélites artificiais para conquista dos espaços interplanetários, apareça um homem, um homem de talento, revestindo de poesia os grandes aspectos naturais.

É que o autor sabe que não pode a ciência dissociar-se das maravilhas terrestres, como sabe, também, que os três reinos da natureza nos oferecerão sempre renovados motivos para o encantamento do espírito e maior delícia de nossos olhos.

Meu caro Mavignier.

Que Deus dê a todos os teus leitores luz aos olhos, ao coração sensibilidade e estesia ao espírito para verem, sentirem e amarem a nossa querida terra através as páginas fulgurantes da *Amazônia Panteísta* !

## REVISTA

DA

**Academia Amazonense de Letras****SUMÁRIO:**

	Pág.
I — <b>Quarenta Anos</b>	5
II — <b>Sacerdote da Arte do Pensamento</b> — Salignac e Sousa . . . . .	7
III — <b>Amazônia Panteísta</b> — Waldemar Pedrosa . .	12
IV — <b>Pilhagens Literárias</b> — Aristophano Antony	17
V — <b>Elogio do Livro</b> — Padre Nonato Pinheiro . .	25
VI — <b>Apresentação de um Livro</b> — Djalma Batista	31
VII — <b>O imperativo de uma biografia</b> — Aderson Menezes . . . . .	35
VIII — <b>No caminho das estrêlas</b> — Genesino Graga	40
IX — <b>Literatura : sempre fantasia</b> — Moacyr Rosas	44
X — <b>Dois trabalhos</b> — Wilhelm Giese . . . . .	48
XI — <b>A paisagem amazônica</b> — Byron de Oliveira Freire . . . . .	55
XII — <b>Comemorações quadragenárias</b> . . . . .	59
XIII — <b>A Revista e a Imprensa</b> . . . . .	63
XIV — <b>Nossas crônicas</b> . . . . .	77
XV — <b>Visita do Arcebispo Metropolitano</b> . . . . .	80
XVI — <b>Estatutos e Regimento Interno</b> . . . . .	82
XVII — <b>In memoriam</b> . . . . .	91

# Quarenta Anos

O ano de 1958 assinala o quadragésimo aniversário da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, fundada no dia 1.º de janeiro de 1918. A data não passou despercebida. Os órgãos da culta imprensa amazonense registaram com especial relêvo os quarenta anos do SILOGEU, e um banquete de confraternização marcou o ponto alto das comemorações.

Todos os oradores evocaram com viveza de expressão e delicadeza de sensibilidade a memória dos acadêmicos falecidos. Parece-nos que nessa evocação frequente dos mortos é que reside a verdadeira imortalidade acadêmica. Estão sempre presentes pela recordação e pela saudade, no culto afetivo da cultura, da expressão literária e das insignes qualidades em que proeminiram.

Benjamim Lima, Adriano Jorge e, sobretudo, Péricles Moraes, os três egrégios presidentes, atraíram com mais insistência as atenções evocadoras dos atuais acadêmicos. Nenhum, porém, dentre os extintos foi esquecido. A Academia a todos é devedora de uma parcela de grandeza.

Os atuais ocupantes das poltronas da Casa de Péricles Moraes, festejando a efeméride quadragenária, reverenciam a memória de seus predecessores e renovam o propósito permanente de zelar o patrimônio comum. Áspero é o caminho das letras, bem o sabemos. Mas sabemos também que, sem asperezas, não se alcançam os astros, como nos ensinaram os antigos: "PER ASPERA AD ASTRA" !

# Padre Nonato Pinheiro — Sacerdote da Arte do Pensamento!

*LEÔNICIO DE SALIGNAC E SOUSA*  
(Da Academia Amazonense de Letras)

Foi Smiles quem, conceituando o livro, o estimou a um monumento de maior durabilidade aos efeitos eversivos do tempo. E' que, segundo êle, encerra os melhores pensamentos, disponíveis pelo autor e, sempre, quando a beleza das palavras se concilia à preciosidade dos ensinamentos, sublima-se no dúplice papel de fiéis companheiros e consoladores.

Sôbre a minha mesa de estudo e de labores, tenho a biografia de D. João da Mata, traçada, em um volume, pelo acadêmico padre R. Nonato Pinheiro, e cuja obra, sem exagêro, está dentro da opinião do fulgurante e inesquecível pensador que, na paisagem de suas criações mentais, bastando citar-se o famoso perfil de Wellington, revelou, a um tempo, o talento fecundo e um singular espírito de analista.

O jovem cintilante biógrafo amazonense, que possui também a grande eloquência, virtude que, na formosa imagem de Tácito, no "Diálogo dos Oradores", "como a chama se alimenta da matéria, se excita com o movimento, e queimando, cintila", não é um estreante. Não! O acadêmico padre Nonato Pinheiro, como se faz conhecido nos círculos da

intelectualidade amazonense, alongando-se-lhe o prestígio da inteligência e a exuberância da mentalidade, vigorada por incontestável lastro de cultura humanista, nas assembléias de maior requinte do pensamento brasileiro, ainda em meio ao período da mocidade apresenta-se com livros outros e algumas centenas de artigos, de variados gêneros literários, ensaios vernaculares, discursos e análise ou críticas derredor de autores e obras, divulgados na metrópole de nosso Estado. Nêle, há um espírito mesmo de ostensiva avareza de encômios, sem que preciso se torne demorada observação, a uma simples palestra ou a um ligeiro passeio de olhos aos seus escritos, se enleiam os pendores múltiplos de um perquiridor dos mais intrincados dogmas da Arte, abrangendo o beletismo, a oratória, a prosa, a crítica equilibrada e construtiva e, por que não, o poeta, revelando-se na alegria de suas produções orais ou grafadas. Já ressaltava o fascinante Musset que “a poesia está na alma, como o rouxinol está na ramagem” e, completando-lhe a forma interpretativa com a de Richter “é o perfume que, ao evaporar-se deixa, em nossa alma, a essência da beleza”. Apreciada a prosa do insigne polígrafo, construtor de uma sugestiva Galeria de suntuosidades literárias, aí temos, em coloridos magníficos, tôdas as características poéticas. Bem a propósito, avançamos uma concepção psicológica sôbre aquêles que erigem, no mundo da literatura, a catedral de suas meditações ou a mansarda do recolhimento espiritual. Nenhum escapa à sensibilidade dos painéis, oferecidos pela Natureza ou à emotividade de certos episódios da vida humana; daí, uma espécie de vôo da alma às alturas donde, como o condor que procura as cristas das montanhas, para o conforto próprio, possa melhor perceber, em tôda a extensão, as tragédias ou os dramas ou inspirar-se nos motivos topográficos.

Em “DOM JOÃO DA MATA”, esplendem as lucilações poéticas com que, fazendo prosa, o acadêmico padre Nonato

Pinheiro, esmalta o "BERÇO, VOCAÇÃO E SACERDÓCIO", do saudoso Bispo do Amazonas, falecido na Diocese Fluminense. Lembrando-lhe as origens humildes, filho de pais sertanejos, desabotoando-se-lhe a vida num município longínquo de Pernambuco, a ascensão a um dos postos máximos do sacerdócio católico romano, segundo ouvira o escritor de Dom João da Mata Andrade e Amaral, não o deixara esquecido dos encantos daquelas regiões. E', então, que o biógrafo se revela em tona romântica, como se êle mesmo se sentisse tocado das revocações saudosas! Não pôde esquivar-se à influência do dedilhar da Lira de Casemiro de Abreu, recordando-lhe os primeiros versos de um de seus hinos mais doces às pulcritudes da Natureza Brasileira! Fê-lo, quando se reporta às solenidades do jubileu de prata do ilustre homenageado. Daí por diante, focaliza o zêlo acendrado do inesquecido Chefe de nossa Diocese no curso de sua fecunda e pompeante trajetória sacerdotal, desde simples vigário, durante quase três lustros, à responsabilidade de Secretário do Bispo de Nazaré, desde a chefia da Diocese do interior nordestino à de duas importantes capitais, Manaus e Niterói. Aqui e alhures, salienta o escritor, dom João da Mata, como o chamavam seus diocesanos, orientava suas atividades em dois objetivos: aumentar os legionários da Igreja, pela ordenação de moços, em cujos corações levara êle a flama rubente e sedutiva da Fé e, ciliciosa, pelos árduos misteres, tão árduos quanto sublimificadores e instituir obras de caráter social-cristão. Na cidade, o expediente, ainda que oneroso e complexo, não o impedia de praticar e assistir aos exercícios relacionados diretamente ao sacerdócio e, além disso, pelos bairros e subúrbios, numa simplicidade beneditina, lá se ia incentivando e executando planos humanitários! Nos sertões, as intempéries não o compeliavam a abrigar-se, nem o intimidavam a prosseguir as caminhadas, como se, em seus ouvidos, ressoasse, a todos os instantes, aquela advertência

de Jesus a Pedro, quando êste tergiversou no sacrifício pela glória eterna do estro e de sua doutrina! Nem mesmo as perturbações circulatórias, ameaçando-lhe a vida a tôdas as horas, o desanimavam. Ao revés, parecia que, sabedor de suas condições personalíssimas, presentindo um fim prematuro, como, na verdade se verificara, lhe impedia aproveitar os minutos, os segundos, para a efetividade de suas santas aspirações.

Revocando a oração de despedidas aos fiéis, ou melhor, ao povo do Amazonas, proferida por Dom João da Mata, o acadêmico padre Nonato Pinheiro, mais uma vez, esteriotipa a alma do poeta, sobrecolorindo a reconstituição do momento, assim tão impressivas, das tintas violáceas da saudade que não se esmaece nunca, que não se atenúa na alma de nossa gente!

Prossegue na análise do idealismo de Dom João da Mata, abrindo-se, na Diocese de Niterói, em novo ciclo de realizações frutíferas e imperecíveis e refletindo-se em exemplos muito oportunos na consciência de quantos lhe ouviam a palavra e presenciavam os milagres de sua vontade disciplinada e empreendedora. Se o relêvo da posição o favorecia para alcançar determinados objetivos, mas o que, em verdade, lhe trazia aquela copiosa soma de recursos materiais e o prodigalizava de invencíveis forças morais eram as qualidades ou os atributos exornativos de sua personalidade. Pouco lhe inportavam as crenças ou os princípios filosóficos de uns e de outros, desde que, solícitos, colaborassem, trazendo, à Igreja, os elementos carecedores à ampliação de seu Império no espírito das coletividades. O "amai-vos uns aos outros", constituia legenda de seu estandarte episcopal e, praticando-o a rigor, acabava reunindo, sob o prestígio de sua autoridade e pelo fascínio envolvente ou irresistível, irradiado de sua

Bondade, uma população inteira. Sim, na totalidade afirmamo-lo, tão raros os indiferentes, e, não, rebelados, porque essa fração mínima em nada poderia influir.

Fizera-se, desde os primeiros passos na caminhada de pastor de almas, um modelador de corações, um reformador de consciências, um dominador de espíritos, vencendo pelo trabalho proficuo e eternizando seu nome na colunata dos valores da Igreja a que consagrara a vida, dando-lha em holocausto para sua glória.

Eis o perfil e a obra de Dom João da Mata na elegância das imagens, e na honestidade dos conceitos do festejado escritor e vitorioso homem de pensamento que é o acadêmico Padre Nonato Pinheiro! Aureolando o inolvidável Bispo do Amazonas nas páginas que compõem sua biografia e as quais se assemelham a uma coroa de apoteóticas fulgurações estelares, prestou-lhe a mais eloquente das homenagens, mantendo-o redivivo num livro a que se pode ajustar o conceito balzaqueano: — “Um livro formoso é uma vitória alcançada em todos os campos de batalha do pensamento humano!”

Mais um triunfo conquistado, pela intelectualidade amazonense, através o talento aristocrático e a cultura soberba do acadêmico padre Nonato Pinheiro, que simboliza um dos legítimos embaixadores do moderno pensamento brasileiro; e, por isso mesmo, pode o jovem polígrafo ostentar em seus braços de príncipe das letras a legenda vergiliana: — “A virtude é mais agradável se vier junto à beleza”. Em meio à sua erudição e à sua inteligência polimorfa, faz êle em desvelos permanentes, o culto à Arte que é o Tabernáculo da Beleza!

# "AMAZÔNIA PANTEÍSTA"

(DISCURSO DE APRESENTAÇÃO)

WALDEMAR PEDROSA

(da Academia Amazonense de Letras)

Eminente Confrade Desembargador Leoncio de Salignac e Sousa, Presidente da Academia Amazonense de Letras.

Caros Confrades.

Colegas do Clube da Madrugada.

Meus senhores.

No meu **otium cum dignitate**, quando desejo meu nome envôlto no silêncio do retraimento em que vivo, nenhuma incumbência me poderia ser mais cara do que esta que me foi conferida pela editôra Sérgio Cardoso e Cia. Ltda., de apresentar, hoje, ao mundo intelectual de nossa terra o primoroso livro de Mavignier de Castro — "Amazônia Panteísta".

Grata e honrosa incumbência que me enseja simultaneamente, acrescentar aos merecidos estímulos e encômios que já lhe foram prestados, o meu entusiástico louvor,

a êsse admirável José Cardoso que se nimba, mais e mais, do justo renome do maior propulsor e vulgarizador da inteligência amazonense em tôdas as produções de sua atividade intelectual e, de outro passo, trazer, de público, ao autor as homenagens de minha fervorosa admiração e de minha velha estima, nesta hora de esplendor solar de seu talento multiforme, e já agora, acrescidas estas homenagens do meu sincero e penhorado agradecimento pela dedicatória generosa das páginas de "Amazônia Panteísta", honra insigne que não cabe na humildade de minha pessoa.

Meus senhores.

Os 16 capítulos de "Amazônia Panteísta" são uma exaltação à pujança vegetal da imensa Hiléia; um colorido a mais na grandeza da paisagem; o testemunho sincero de quem observou **de visu** cenas ainda inéditas no grandioso Vale, traduzindo-as em páginas de fino labor e fasciante beleza; verdadeiros poemas que extasiam o espírito como os próprios painéis que lhe inspiram a magia descritiva.

Sôbre as carnívoras taócas ou sôbre as taxis havia antes sômente referências científicas.

Faltava quem lhes fizesse a descrição minuciosa de seus hábitos, de seus meios de ataque, de suas incursões.

Deu-nos o autor a conhecer com a energia do seu poder descritivo a vida dêsses temíveis habitantes da selva.

Sabíamos todos que o monte Roraima é um tríptico divisor de limites entre Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa, mas foi preciso ao autor escalar em arriscada excursão as serranias riobranquenses para descrever a beleza panorâmica que abrange uma visada do alto da famosa sentinela de nossas lindes setentrionais.

Não ignorávamos que o rio Aripuanã tem no seu percurso inúmeras cachoeiras.

Só agora, entretanto, através "Amazônia Panteísta" ficamos sabendo que está em território amazonense uma das mais potentes quedas d'água do mundo, qual a cachoeira dos "Dardanelos", descrita pelo autor com lampejos de gênio.

Há, igualmente, neste livro que é bonito na sua apresentação como é belo no conteúdo, fortes traços de sociologia, como deixam ver os estudos sobre "o homem e a selva" e "psicologia das ribanceiras", assim como há capítulos em que o autor como que levanta a ponta do mistério vago dos plácidos matupás e dos sombreados igapós coloridos de orquídeas multicôres.

Todo êste livro é como uma senda luminosa, irisada de magnificências e belezas que seduzem e empolgam o viandante que o percorre, olhos e espírito presa do fascínio e embevecimento que enlevam o autor na caminhada em busca, talvez, do sonho edênico das promessas das amazonas altivas...

Ilustram êste volume, não fotografias, que não diriam tanto como o seu estilo, mas gravuras que representam ao vivo cenários e painéis, porque da inspiração genial do nosso grande e já consagrado Moacir Andrade.

Fêz Mavignier de Castro o curso primário em Belém, do Pará, no Colégio Nossa Senhora do Rosário, sob a direção do famoso pedagogo Dr. Luiz Dejard de Mendonça, tio de Antonio Dejard de Mendonça de quem foi o autor colega, — outro perdulário do talento, prosador, poeta e orador de raça, que cintila, de quando em quando, nas colunas de nossos diários luminescências da sua inteligência privilegiada.

# Pilhagens Literárias

ARISTOPHANO ANTONY

(Da Academia Amazonense de Letras)

*Na literatura de todos os tempos e, também, de todos os povos, têm sido comuns os casos de pilhagem literária. Encontram-se êles às dezenas, no romance, na crítica, na novela, na poesia, nos relatos históricos e na biografia. Os confrontos que se fazem, para positivar as semelhanças, evidenciam a apropriação indébita que alguns escritores e poetas fazem, não apenas de trechos inteiros e estrofes completas, mas, por igual, de conceitos e pensamentos já divulgados em letras de imprensa. Não se queira atribuir essa falta aos lapsos de memória, que são naturais em qualquer um ser humano. Essa possibilidade só é admissível quando apenas vagamente se vislumbra igualdade nos trabalhos publicados, fazendo-nos acreditar que, na prosa ou no verso, houve influência de livros que foram anteriormente lidos. Em outros casos, porém, o plágio se manifesta às escâncaras, não sendo possível, diante de um confronto, perdoar-se aos aproveitadores deshonestos. E estes nem sempre se dão por constrangidos quando se lhes apontam as faltas praticadas, continuando indiferentes às acusações e às censuras que partem dos que tanto se comprazem nas minúcias intelectuais, através de exames detidos e pacientes que fazem dos livros e de seus*

autores. Há, nêsse particular, uma semcerimônia que chega às raias do cinismo e do impudor. Surpreendidos no saque que fizeram, uns às vêzes agastam-se ofendidos, procurando justificar-se, mas deixam que o tempo faça esquecer o delito que cometeram, embora na primeira oportunidade insistam em repeti-lo. Outros, insensíveis, se não apercebem da atoarda dos censores e se não dão à tarefa de explicações, pois se uns ficaram conhecendo o roubo, outros, em maioria, continuam a ignorá-lo.. E diante dessa lógica, que deixa de ser aceitável, apresentam como produção própria aquilo que outros, antes dêles, já haviam publicado.

\* \* \*

Conheço vários casos de apropriação indébita, de pensamentos já conhecidos e de versos inéditos ou já divulgados. Um confrade, por sinal espírito cintilante, costuma aproveitar, quando escreve ou quando fala, conceitos de amigos seus, que êle doira e faz refulgir com extrema habilidade. E não tente alguém incriminá-lo por isso, se não quizer conquistar um inimigo perigoso e contundente. Outro caso de pilhagem literária foi praticado por um jovem poeta que pertencia à geração anterior a minha. Certa vez um amigo que nos era comum, por sinal parnasiano dos melhores de seu tempo, a êle mostrou, confiante, cêrca de vinte sonêtos, entre decassílabos e alexandrinos. Foi o bastante para aguçar-lhe a cobiça. Pedindo-os para ler na quietude do lar, nunca mais os devolveu. Tempos depois, apareciam em um livro e êste trazia, na capa, o nome do usurpador. De uma feita estava eu entregue aos afazeres redacionais, quando me apareceu, com a sua prosápia costumeira, um fazedor de versos trivialíssimos. Pediu-me para publicar um dos seus sonêtos que, com a melhor cadência, recitou para que emitisse minha opinião. Disse-lhe do meu agrado, mas o aconselhei a aspear a estrofe final. Arregalando os olhos, perguntou-me porque, já agas-

tado com a minha sugestão. Tive a sinceridade de dizer-lhe que o verso pertencia a Guerra Junqueiro. O homem esbravejou, ofendido. Era um insulto que eu fazia à sua capacidade intelectual. Acalmei-o, tudo fazendo para reavivar-lhe a memória, lembrando que o poeta português escrevera: — “Triste como a tristeza oceânica do mar”. Mesmo assim, não se conformou, jurando que o verso era seu. Deixando-me, foi queixar-se a um crítico, contando-lhe o que se passara entre mim e êle. E sendo advertido de que estava comigo a razão, saiu-se com esta desculpa de velho arrieiro: — “Guerra Junqueiro referia-se à tristeza do mar. Eu me refiro à tristeza do poeta Ossian”. E manteve, teimosamente, no seu soneto, o verso que não lhe pertencia...

Aliás, Agripino Grieco, ao que parece em “Caçadores de Símbolos”, diz que é impossível evitar, às vêzes, a semelhança dos versos de uns e outros poetas. Talvez por isso mesmo as incriminações que existem, inclusive atingindo nomes de realce especial na poética brasileira. Raimundo Correia foi acusado de, no “Mal Secreto” e em “As Pombas”, se ter servindo de temas já explorados, e em tudo parecidos, de poetas latino-americanos. Olavo Bilac não escapou dessa censura, dizendo-se ter êle haurido muito da sua inspiração nas fontes do poeta luso Guilherme Braga, que também teria influido de maneira muito sensível em Guerra Junqueiro e Castro Alves. E citam-se, para comprovação, as semelhanças dos versos pelos mesmos publicados. Aqui vem a falho este conceito de um arguto analista literário, tratando da igualdade de certos versos: — “. . . a menos que aceitemos a teoria de que a inspiração, por ser feminina, conta os seus segredos, com pretensa exclusividade, aos ouvidos de dois poetas, sem que um desconfie da existência do outro. . .” Aponte-se, aqui, outro caso, o de Machado de Assis, que teria buscado em Felinto Elísio o empréstimo para a poesia da “Môsca Azul”. E ainda se afirma que o criador do “Memorial de Ayres”

tinha por hábito guardar os textos das obras alheias, que aproveitava comumente, dando-lhe outro polimento, embora sem esconder os indícios claros da matriz de onde os recolhera. Os casos, nêsse particular, são inumeráveis e encheriam centenas de páginas, se dispuzessemos de tempo para fazer confrontos e iniciar buscas nos livros dos poetas de todos os tempos, de tôdas as idades e de todos os países. As citações acima bastam, entretanto, para justificar o nosso ponto de vista, na certeza de que não estamos levando quem quer que seja ao ridículo, a fim de empanar o brilho, a fulguração de tantos nomes aureolados pela glória literária.

\* \* \*

Os historiadores fazem, com insistência, nos alfarrábios que manuseiam e nos in-fólícs que consultam, as suas pilha-gens, que não deixam de ser descobertas pelos estudiosos pacientes. Entregues às pesquisas, raro é aquêlê que não faz trabalho de compilação, repetindo o que os outros já disseram, ou contestando, através de documentação nova, mas da autoria de seus antecessores, alegações graciosas que alteram a verdade dos acontecimentos históricos. O crítico e historiôgrafo Carlos Pontes, com a argúcia de que era servido, anotou graves senões de Euclides da Cunha, nas páginas que escreveu relatando fatos relacionados com o período compreendido entre a Independência e a República, afirmando que o grande escritor copiou Joaquim Nabuco, e copiou mal, quando tratou de homens e fatos do Segundo Reinado. Não se dando à tarefa de compulsar os Anais do parlamento brasileiro e de consultar os jornais da época, incorreu em êrros que poderiam ser evitados, não conseguindo disfarçar "com os jogos fosforescentes das suas imagens", as fontes em que se abeberára. Perquirindo, de ponta a ponta, aquelas páginas, o plasmador de "Motivos e Aproximações" mostra os equívocos do comentarista e assinala êste trêcho de Joaquim

*Nabuco*: — “Não era só o fato do polichinelo eleitoral dançando segundo a fantasia de ministérios nomeados pelo Imperador”, para o confronto com este de *Euclides*: — “No polichinelo eleitoral dançando segundo as fantasias dos ministérios nomeados pelo Imperador”. Nem ao menos as aspas haviam, para assinalar o conceito externado pelo escritor de “Um Estadista do Império”. A apropriação fôra demasiadamente insólita. Não se compreende, aliás, esse procedimento de *Euclides*, conhecida a sua poderosa cerebração, tantas vêzes proclamada e reconhecida por quantos, antes e depois de “Os Sertões”, já lhe reconheciam talento e poder criador.

\* \* \*

Continuemos, pois, na nossa recolta, para mostrar outras muitas deshonestidades literárias. Há poucos dias um amigo fraterno, cujo senso crítico espelha uma cultura de boa pôlpa, despertou minha atenção para um dos livros do escritor *Raimundo Menezes*, intitulado “Romances que não foram escritos”. Anotou êle e eu, depois, tive a confirmação do plágio, trechos inteiros retirados de *Henry Thomas* e *Dana Lee Thomas*, autores da obra “Vidas de Grandes Romancistas” e “Vidas de Grandes Poetas”. O plagiário tem uma vasta bibliografia, através dos estudos que já fez da vida e da obra de *Paula Nei*, *Emílio de Menezes*, *Guimarães Passos*, *Aluizio Azecedo*. Contente-se, contudo, o incriminado, por não estar só no terreno inseguro em que se encontra. Há companhias ilustres ao seu lado. Vejamos, por exemplo, *Machado de Assis*. Já houve quem falasse na influência de *Camilo* sobre o autor de “*Braz Cubas*” e há, realmente, similitudes profundas entre os dois escritores. Outro escritor que influiu sensivelmente no espírito do autor de “*Quincas Borba*” foi *La Rochefoucauld*. Êste, numa das suas máximas, fala no “maníaco de Atenas que supunha que todos os navios entrados no pôrto eram de sua propriedade”. A mesma coisa

encontramos nas "Memórias Póstumas", quando o romancista patricio fala no "maniaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade". Tudo isto levou um ensaista a dizer que Machado de Assis "tem muito filho alheio sob o abrigo patriarcal de suas telhas literárias". Uma das maiores pilhagens dos últimos tempos foi a do escritor Carlo Levi, italiano, de nomeada internacional. O seu "El Reloj" é a cópia fiel, autêntica, do romance "A luz da Estréla Morta", de Josué Montello, que o publicou em 1948, tendo aquêlo terminado o "seu" livro em 1949.

\* \* \*

Voltemos o pensamento, agora, para a literatura francesa, onde os casos de surripiagem literária se avolumam desde os tempos mais remotos. Não há muito, um colunista dos mais em evidência da capital da cultura, mostrava em Paris, num estudo em que os confrontos se sucediam, convincentes todos êles, curiosas semelhanças nos textos publicados pelos grandes mestres, que se deixaram, estranhamente, influenciar pelos livros de seus antecessores. Nêsse admirável trabalho de análise, Henri Mondor não pretendeu diminuir os méritos alheios, mas apenas mostrar que, até certo ponto, nada de novo existe sôbre a terra, tratando-se de literatura. No índice apresentado pelo crítico sagaz, Proust, Claudel, Gide, Valery, Anatole e Girardoux, fizeram figuração com os chapéus emprestados a Racine, Bourget, Sainte-Beuve, Barrés, Courier e Rimbaud. De todos os pensadores franceses, nenhum teve tanta influência sôbre novos e velhos escritores como Balzac. O mestre da "Comédia Humana" chegou a influir inclusivè em escritores de outros países, sem excluir o Brasil, onde José de Alencar, desde a juventude, se comprazia em lér tóda a obra do romancista de "A mulher de trinta anos". Aos que se antepuzerem a êsse julgamento, para negar o influxo balzaqueano na obra do escritor de "As Minas de Prata", oferece-

mos em contraposição esta síntese de um dos nossos maiores ensaístas: — “*Numa primeira inspeção de relance, nada se vislumbra ou entrevê, como sinal sensível de Balzac na obra do romancista brasileiro. No entanto, após exame mais atento, não será difícil demonstrar que se lhe cruzam os caminhos, os quais, embora tão diversos, apresentam, no mistério das origens, curiosas similitudes ou identidades*”.

\* \* \*

*Já mostrei, linhas acima, em sequência que me parece convincente, numerosos casos de pilhagens literárias de escritores nacionais e estrangeiros. Vou encerrar esta página com algumas considerações a respeito de Anatole France, uma das mais altas expressões da cultura contemporânea. No seu tempo e mesmo depois de sua morte, nenhum escritor foi tão acusado de plagiário como o artista insigne da “La Vie en fleur”. São conhecidas as páginas em que Gabriel des Hons, rebuscando as obras de Racine, mostrou que nelas fôra buscar o romancista de “Le lys rouge” muito para um de seus livros mais famosos. E também Emile Morel e Georges Michaud, examinando-lhe a vasta bibliografia, fizeram confrontos que o situaram mal, isto porque a fidelidade da memória do grande romancista, no afirmar de um dos seus críticos, “na solução extrema da volúpia da criação literária, leva-o à perigosa incorporação da obra alheia, sem a ressalva das aspas nem a indicação cautelosa das fontes em que se abasteceu”. É mais causticante: — “Nessas apropriações estarrecidas, o erudito parece partir da presunção da amnésia dos outros. E daí o desembaraço com que vai surripiando o alheio, para adjudicá-lo, nos seus labores de joalheiro da forma, àquela combinação mais preciosa que o metal de Corinto, que é o seu estilo”. Para qualquer outro nome das letras, êsse conceito seria arrazador, embora Anatole France não se tenha apercebido nunca dos que o acusavam de deslizes indefensáveis, e*

quando o fez, um dia, foi para dizer, na sua apologia sobre o plágio, firmando a sua doutrina que ficou célebre no estudo que escreveu sobre Rabelais: — “Os grandes inventores são grandes saqueadores. E’ necessário admitir que ninguém se engrandece sem roubar”.

\* \* \*

Não é necessário aduzir mais nada às considerações acima expostas. As pilhagens literárias são um veso antigo, até mesmo dos maiores vultos das letras universais. Eles as praticam sem receio e até mesmo as justificam, como fez, do alto do pedestal em que sempre esteve, o emérito autor de “La Vie Litteraire”. E nada mais verdadeiro existe, no autêntico sentido intelectual, do que este justo conceito do escritor famoso e tão incriminado: — “Não se leva bastante em consideração que um escritor, por mais original que seja, recebe mais do que inventa. A língua que fala não lhe pertence; a forma em que se expressa, ode, comédia, conto, não foi criada por êle; não possui, como coisa própria, nem a sua sintaxe nem a sua aprosódia. Até mesmo seu pensamento lhe chega de muitos lugares. Recebeu as côres, embora sejam preciosos os matizes que lhe comunica. Sejam razoáveis e reconheçamos que nossas obras estão longe de pertencer-nos de modo exclusivo”. Bem razão teve, portanto, Públio Siro, quando afirmava, sentenciando: — “Cuivis potest accidere, quod cuiquam potest”, que no bom português quer dizer: — o que pode acontecer a um pode acontecer a todos. Em literatura, principalmente...

# ELOGIO DO LIVRO

Padre NONATO PINHEIRO

No lançamento do livro " O REGATÃO ", da lavra de meu confrade Mário Ypiranga Monteiro, tive a honra de falar em nome da Academia Amazonense de Letras. E na minha verdadeira obsessão da Bíblia — ( bendita obsessão ! — que tem sido uma espécie de renovação auroral para minha inteligência ), citei aquêlo trecho do Apocalipse em que o vidente de Patmos narra a história de um livro misterioso, que êle recebeu, por ordem do alto, das mãos de um anjo, ao som destas palavras imperativas : " Accipe librum, et devora illum ". Toma o livro, e devora-o. A imagem é fascinante. Não se julgue, porém, que o fato se reveste de originalidade. Já no Antigo Testamento se depara uma passagem de plena semelhança. O profeta Ezequiel recebeu de Deus a mesma ordem, antes de ir falar aos filhos de Israel : " Comede volumen istud, et vadens loquere ad filios Israel ". Come êste volume, e vai falar aos filhos de Israel. ( Ezequiel, III : 3 )

Eu aproveitei a imagem rutilante, na alocução a que me reporto, para significar que os intelectuais são " devoradores de livros ".

Tanto o livro de São João quanto o volume de Ezequiel, segundo informações da mesma Bíblia, produziram nos

lábios de ambos a doçura de um favo : " factum est in ore meo sicut mel dulce ". Sirvo-me desta segunda imagem para fazer o elogio do livro.

Uma das maiores doçuras da vida de um intelectual é o contubérnio cotidiano com a sua biblioteca. Os livros põem ao nosso alcance os tesouros da sabedoria antiga e as conquistas coetâneas da ciência. Arquivam para a perenidade as melhores produções da inteligência humana, no campo das ciências, das letras e das artes. Glorificam os mais altos expoentes da humanidade, as mentalidades culminantes do espírito humano. São uma espécie de cristalização da história do homem sôbre a terra, em tôdas as manifestações de sua inteligência e em todos os setores de suas atividades. Em edições sucessivas, reproduzem as lições dos mestres, as descobertas dos cientistas, as abstrações dos filósofos, os ditames dos pensadores e moralistas, as criações dos artistas, as páginas de ouro dos prosadores e poetas, os cálculos dos matemáticos, as sublimes intuições dos gênios. Não se restringem, porém, à seara da inteligência. Todo o drama, ou, se quiserem, tôda a tragédia da história da humanidade palpita nas páginas dos livros : a criação do mundo, o surgir das nações, a vida dos povos, o nascimento das instituições humanas. As glórias e os opróbrios, os avanços e os recuos, os progressos e os retrocessos, as elevações e as quedas, as concórdias e as guerras, as luzes e as sombras, enfim, tôda a contextura dedálea da presença humana sôbre a face da terra ( e em breve falaremos da presença interplanetária ) tem no livro vida, vibração e colorido.

O contato contubernal com uma seleta biblioteca é o grande meio para aprofundarmos os nossos conhecimentos e engrandecermos a nossa cultura. Nem tudo se aprende nas escolas. Nem tudo nos ensinam os mestres. E' no

silêncio eloquente das bibliotecas, que têm qualquer coisa de comum com a solidude musical ( " la soledad sonora " ) dos claustros, que compensamos as deficiências e as falhas que trazemos das escolas, muitas vêzes por imperícia e incompetência dos mestres, que nem sempre nos focaram a luz redentora das verdades profundas. Não sòmente compensamos as falhas e as deficiências, mas opulentamos cada vez mais nosso pecúlio mental, armazenando ricos cabedais de conhecimentos, transformando em sangue e em vida as mensagens serenas que os volumes nos transmitem.

Eu sempre tive afeição especial para com as bibliotecas, quer públicas, quer particulares. O têrmo ainda me parece frágil. Mais do que afeição, o que sinto é verdadeiro culto : o culto fervente do livro ! E, salvante a distância exigida pelos conceitos, entro numa biblioteca como quem penetra num templo. Se êste nos enriquece a alma, pelo benefício da prece e pela bênção do recolhimento, aquela nos opulenta a inteligência, pelo brilho e pela profundidade das lições que os autores nos supeditam. Costuma-se dizer que o templo é a casa de Deus. A biblioteca também o é, pois leio na Bíblia que o Senhor é o Deus das ciências ( " quia Deus scientiarum Dominus est " — I Reis, III : 3 ) e o gerador da beleza ( " speciei generator " — Sabedoria, XIII : 3 ). Ora, se Deus é o Senhor das ciências e o gerador da beleza, segue-se daí que tôdas as produções científicas e artísticas do homem são derivações e reflexos da Sabedoria Eterna. Deus é a fonte perene da sabedoria e o Sumo Artista, pois que a Arte é o esplendor da Beleza, e o sacro elóquio, como venho de citar, canonizou-o como o próprio autor da formosura. Logo, o recinto de uma biblioteca é também sagrado, porque recolhe produtos e reflexos da Sabedoria Divina, que acendeu no espírito humano o facho radiante da inteligência para o cultivo do belo e para a investigação da verdade.

Muito se tem escrito sôbre as mais notáveis bibliotecas do mundo. O Padre Manuel Bernardes, que é um dos mestres supernos do nosso idioma, tem um capítulo esplendente no quinto tomo da Nova Floresta acêrca de algumas famosas. Começa pela de Ptolomeu Filadelfo, que formou em Alexandria uma biblioteca de 54.800 volumes, segundo a estimativa de Genebrardo. Outros, porém, elevaram a cifra à razão de 700.000 volumes. Júlio Africano organizou outra em Cesaréia, enriquecida por Eusébio e Panfilo, com 30.000 tomos seletos. Afirma o mesmo Padre Bernardes que São Jerônimo recorria a essa biblioteca, nas cousas mais difíceis. A de Eumenes possuía 200.000 volumes. Constantino fundou uma de 120.000. O Papa Nicolau V iniciou a célebre Biblioteca do Vaticano, considerada hoje uma das mais excelentes do mundo, sobretudo pela riqueza dos documentos e manuscritos. Finalmente, o Padre Bernardes ainda se reporta às bibliotecas de Felipe II, rei da Espanha, Francisco I, rei de França, Matias Corvino, rei da Hungria, de São Marcos, em Veneza, de São Germão e Santa Genoveva em Paris, e às bibliotecas Florentina, Memiana, Seguriana e Ambrosiana, e à de Baviera.

A destruição das bibliotecas foi sempre incluída entre as calamidades públicas, pior do que a devastação das florestas, porque o reflorestamento de uma área não é tão difícil como a restauração de uma biblioteca, em virtude do esgotamento de algumas edições. O incêndio da biblioteca de Alexandria ainda hoje nos impressiona. A Biblioteca Pública do Amazonas também foi vítima da voracidade impiedosa das chamas, fato que constitui um capítulo doloroso da sua história, que acaba de ser escrita em alto estilo pela pena aristocrática do acadêmico Genesino Braga.

Já tive ocasião de conhecer grandes bibliotecas, em Manaus, Belém, São Luís do Maranhão e no Rio de Janeiro,

cuja Biblioteca Nacional visitei em 1954. A de São Luís conserva uma reliquia histórica : um fragmento do navio " Ville de Boulogne ", em que naufragou o grande Gonçalves Dias. Possui também o acervo dos livros de Humberto de Campos, muitos dos quais folheei com mão atenta, quando seminarista, observando as anotações à margem.

Conheço também excelentes bibliotecas particulares, como as de Péricles Moraes, Castro Monte ( que já passaram a melhor vida ), André Araujo, Mitridates Corrêa, Salathiel de Carvalho e de outros. A minha é modesta, muito modesta, mas escrupulosamente seleta. Aprendi com os meus velhos mestres a norma suprema da seleção e da qualidade. Recebi da natureza uma espécie de intuição e faro intelectual para sentir e reconhecer os grandes livros, os livros-bases, os livros-cimos, os livros-cúpulas, os livros-fontes, os livros-monumentos, êsses livros que jamais morrem, porque trazem em cada página, ou mesmo em cada frase, a linfa cristalina para os meus haustos, e o pomo nutriente para a minha refeição espiritual. Livros-mananciais, porque jorram a flux verdades profundas e eternas, livros-faróis, porque abrem clareiras e iluminam roteiros seguros !

Eu tenho grande pena dos homens sem fé e dos homens analfabetos, porque não podem ter, nos momentos de provação e sofrimento, os recursos e as bênçãos, as luzes e as consolações da Religião e do Livro. Creio que suas dores são redobradas : sofrimentos incomportáveis e intraduzíveis, capazes de os abater e destroçar implacavelmente. O homem de fé, porém, tem o confôrto da prece, que é uma iluminação e uma plenitude para a tranquilidade do espírito. E o douto tem o refúgio suavíssimo de sua biblioteca. Não sei bem se foi Montesquieu, o autor de " L'esprit des lois ", que dizia : " Nunca tive uma aflicção, que quinze minutos de boa leitura não dissipassem ". Quem não expe-

rimentou a realidade dessa assertiva? Quem ainda não sentiu, ao pé de si, a maldade das víboras e dos escorpiões humanos? Também a tenho experimentado, como qualquer mortal: a tanto a vida nos obriga. Entretanto, jamais me perturbei com as atividades dos maus. Se não posso, por forças alheias à minha vontade, imitar a árvore do sândalo, que perfuma o gume do machado que a golpeia, sempre tenho a nobreza do perdão, imposto pelo Evangelho e pelas exigências da vida cristã. E, para não falar da leitura da Bíblia, do Breviário e da Imitação de Cristo, que é sempre um banho lustral de luz e de aromas, tenho o convívio diletíssimo e insubstituível da minha biblioteca, entre cujos volumes morrem fatalmente todos os dissabores que por acaso me venham molestar.

Assistindo, de uma feita, a um moribundo, depois de ministrar-lhe os sacramentos, ouvi estas palavras que muito me impressionaram: "Morro com uma grande saudade dos meus amigos sinceros". Se eu morrer com o pleno uso da palavra, estou certo de que direi: "Morro com uma grande saudade dos meus livros"!

# Apresentação de um Livro

**Djalma Batista**

Os dezesseis capítulos de "Amazônia Pan-teísta" constituem, do ponto de vista literário, sem favor, a mais bela e a mais completa descrição da natureza planiciária. Escreveu-os Mavignier de Castro, um homem singular, que conseguiu um estilo musical e perfeito a serviço de um observador incansável e apaixonado da fisiografia amazônica.

O autor estudou humanidades em Paris e viveu a juventude na Europa. Voltou depois para o Amazonas e aqui se fixou. Jornalista militante, foi secretário do "Jornal do Comércio" (então dirigido por Vicente Reis) e redator de numerosos diários já desaparecidos. Viveu mais de 20 anos no interior, como promotor em Tefé e outras Comarcas, e prefeito de Moura. Quando se radicou novamente em Manaus, fez concurso para a cadeira de francês da Escola de Comércio "Solon de Lucena", cargo que desempenhou com proficiência e em que veio, afinal, a se aposentar. Naquela altura já

publicara algumas páginas de notável precisão e proclamado valor artístico, inclusive versos descritivos extraordinariamente bem feitos.

A vida na hinterlândia marcou, porém, indelévelmente, o destino do homem de letras, em cuja inteligência, de porte helênico, ficaram tatuadas as imagens dos grandes quadros de que fôra espectador atento e deslumbrado. Com essas observações e sensações construiu Mavignier de Castro os ensaios admiráveis de "Amazônia Panteísta", justificando-se agora a verdadeira odisséia do escritor, insulado em cidades e vilas economicamente decadentes e mortas quanto à atividade intelectual.

Por trás da beleza das páginas do livro, estão sofrimentos sem conta, peregrinações exaustivas, desilusões e tristezas, além de impressionantes aventuras, que dão à história de Mavignier de Castro uns tons entre heroicos e trágicos. De tudo ficou, felizmente, a inapagável emoção estética que se traduz no volume a aparecer nêstes dias.

Em suas andanças, atingiu Mavignier o Roraima — "atalaia de três povos", e depois a cachoeira dos Dardanelos — "nos vórtices do Aripuanã"; seguiu o "roteiro sentimental do rio Negro" e penetrou na "psicologia das ribanceiras"; deteve-se nas "mutações fisiográficas da paisagem", vibrou diante do "temporal", interpretou a fisionomia do "matupá" e descreveu "um mar que corre e que reflúi", a incursão das "taocas" ou a "simbiose infernal" dos taxizeiros.

Na verdade o homem pouco impressionou o puro enamorado da natureza: só um capítulo lhe é dedicado, e mesmo assim pôsto em confronto com a selva — "Homem-heroísmo. Selva inumana!". No mais são referências episódicas a quem talvez seja mesmo o "intruso impertinente" de que falou Euclides.

Se quisermos, na literatura regional, encontrar um termo de comparação para o que escreve o autor, só um nome pôde ser invocado, o de Alfredo Ladisláu, naquêle livro-poema que é "Terra Imatura".

"Amazônia Panteísta", que é também um livro-poema, corôa uma vida, glorifica uma terra e encerra uma época — a época dos apaixonados platônicos da grande planície. Depois dêle não há mais, literariamente, o que dizer. Tudo faz crêr que chegou a hora dos homens de ciência e dos artífices da técnica.

A Editora Sérgio Cardoso, que já divulgou uma monografia de Mavignier de Castro, evocando a fundação de Manaus, quando do centenário da cidade, em 1948, pôde sentir-se ufana de trazer, agora, mais uma alta contribuição às letras e à cultura do Brasil, publicando um livro do porte dêste a que me venho referindo — definitivo e consagrador, — cujo texto se completa com as bellíssimas ilustrações de Moacir Couto de Andrade, que é um artista de profunda inspiração amazônica.

A edição de "Amazônia Penteísta" constitui, com a de "Buzina dos Paranás", de Alvaro Maia, uma celebração em grande estilo do 40.º aniversário da Academia Amazonense, entre cujos imortais Mavignier de Castro ocupa lugar dos mais merecidos.

(De "O Jornal", 16-2-1958).

# O IMPERATIVO DE UMA BIOGRAFIA

ADERSON DE MENEZES

*(Da Academia Amazonense de Letras)*

Coube a Djalma Batista, de uma feita, há vinte anos atrás, sintetizar lapidariamente a personalidade intelectual de Péricles Moraes, de quem disse possuir “a mais admirável organização mental da planície” e ser “um espírito em pleno meio-dia da vida, irradiando centelhas luminosas — daquela luz que invocava Goethe ao sucumbir”. Essa síntese magistral e positivamente insuperável, fê-la o prezado confrade ao perfilar, com aprumo e equilíbrio, em conferência pronunciada na Bahia, os beletistas do Amazonas de então, entre os quais avultava e excelia o ensaista de tantas e tão brilhantes obras, ainda sem paralelo no meio publicitário regional.

Na verdade, tendo se tornado um autêntico, inegável e portentoso escritor, na perfeita acepção desta palavra, Péricles Moraes não se contentou em render o seu culto ao belo sem iniciativa própria, razão por que foi, à exata, um esclarecido joieiro da melhor e mais refulgurante literatura de tôdas as épocas. E, nesse mister sublimado por intensas elucubrações espirituais, produziu preciosidades na mais apurada lavra, sempre com o adôrno do estilo a um tempo cristalino e

cascateante, em cujo rol se incluem livros muito festejados, como "Figuras & Sensações", "Legendas & Águas Fortes" e "Confidências Literárias".

Alçou-se, por consequência, à condição indiscutível de publicista com projeção nacional, grangeando entre outros títulos inerentes ao seu labor de inteligência e saber o de crítico, na exegese da criação alheia, ao fazer julgamentos pelas altiplanuras das boas letras. Sua produção, que possui tôda ela, na unidade e na inteireza glorificadoras, o sinal heráldico da estética, se erigiu quase sempre no sentido da crítica, essa modalidade literária complexa e por demais erudita, em que se ajusta e revigora o temperamento combativo, para o exame de imagens, a sondagem de tipos e a interpretação de tendências. Todavia, polemista de raça em sua mocidade, Péricles Moraes, que bem e muito viveu, preferiu tranquilizar o ambiente de sua madureza existencial, para fruir, deliciosamente, com dignidade, a velhice amena, de suavidade doce e lenta. Em face disso, sua crítica, isto é, a crítica que escrevia e estampava, é via de regra untada de encômio e aplauso, de apôio e exaltação. Esse aspecto de constante enaltecimento, que alguns consideram desfavorável aos seus méritos de crítico, a tal ponto que errôneamente o confundem com a simples, inexpressiva e desataviada louvaminha, tem lhe captado algumas restrições, cuja procedência não impende discutir. O certo, porém, é que, só se preocupando, como na intimidade confessava, com as belas letras no mais restrito significado, não tinha por que versar autores e obras de segunda classe, que lhe não merecessem louvor sincero, mas aparentemente excessivo... Era apenas sua opinião pessoal, no caso aliás auto-opinião, a respeitar-se em homenagem à sua excelsa memória!

No entanto, ao instituir grande bagagem literária, Péricles Moraes legou imperecivelmente à cultura em geral,

além dos já citados, outros livros também valiosos, na esfera de um gênero literário hoje em bastante voga: a biografia, que perlustrou com sua habitual e proclamada mestria, disso constituindo farto e inesgotável material comprobatório "A vida luminosa de Araujo Filho", "Retrato de Augusto Linhares", "Leopoldo Péres" (Roteiros de uma vida e de um destino) e mesmo "Coelho Neto e sua obra", que pode ser catalogado nesta categoria, de igual forma que na mesma figuram páginas brilhantes sobre outros homens eminentes como José Chevalier, Sá Peixoto e Leopoldo Neves.

E' que a biografia, tal como a professava Péricles Moraes, não mais deve ser entendida como simples dissertação ou história da vida de uma pessoa, debaixo do rigorismo etimológico daquele vocábulo. Bem ao revés, a idéia moderna da biografia lhe confere uma expressão mista de ciência e arte, assim na finalidade substancial de satisfazer sensações ou conhecimentos como na exigência formal de ser traçada com beleza e requinte. E' a escola integrada por biógrafos de elite, verdadeiros mestres-biógrafos ou cabeças de fila no exercício dessa atividade que se transmudou fecunda e vivaz, enfeixando numa congêrie narrativo-histórico-romanceada os tons de nova manifestação psicológica no vasto panorama universal da literatura contemporânea.

Não há dúvida, aliás, de que Péricles Moraes se alistou na coorte hodierna cujos dois vexilos mais resplendentes empunharam-nos André Maurois e Emil Ludwig, ambos fazendo a biografia literária com fundamento científico e artístico, o primeiro ao compreender que o biógrafo atual "não se deve limitar a expor e dar vulto à legenda que se criou derredor de um nome", pois "é de mister que, apoiado em testemunhos insuspeitos e documentação insuspeitável, desenhe e retrate à imagem exata do modelo, retocando-o à medida que sinta, pela sucessão de fatos novos, a necessidade

imperiosa de o fazer”, e o segundo ao admitir que a biografia, à moda da que sabia ilustrar, “é uma narrativa que ofega como um organismo vivo, sob o paroxismo de uma crise violenta”, isto porque, “acionados pela eloquência de um verbo trepidante, os episódios se reconstroem, se reconstituem e se fixam, erigindo a vida e a obra, à feição multifária de suas características fascinantes”.

Pois bem : é êsse retratista de polpa, êsse memoralista de envergadura, êsse evocador de peregrina estirpe, êsse biógrafo, enfim, com “dons incomparáveis de investigação e análise”, que está a exigir, reclamando e precisando ser biografado, êle que, ao jeito de Maurois e Ludwig, deixou genuínas biografias, algumas até de feitio carlyliano.

Apesar de muito elogiado antes e depois de sua morte, basta atentar à vida e à obra dêsse varão raro, ambas de estudo, para obter-se a convicção de que não merecem as duas passar isoladas, sem que fiquem documentadas mais objetivamente, em seu conjunto opulento e empolgante. Os livros de Péricles Moraes aí estão como monumentos de sua labuta intelectual e jamais se olvidará, para honra do autor e de sua terra, o poder criador de seu talento de escol nos diversos ramos literários de sua preferência. Entretanto, urge reverenciá-lo em todos os ângulos de sua influente individualidade, enfocando, em sideral apoteose, o homem de letras que, na sua compleição físico-mental, habitava uma casa que era extasiante “cidade de livros”; fundara a Academia Amazonense de Letras que amava ao lado da espôsa virtuosíssima; consolidara base cultural impondo-se até asilo espontâneo para ler e aprender; publicara não sòmente na província, mas também no Rio e em Portugal; fôra um palestrador exímio e torrencial, de conversa

encantadora que tanto lhe extravasava altos e antológicos conceitos quanto lhe permitia finas e às vêzes fervilhantes *boutades*.

Êsses fatos reais, além de sua marcante atuação na vida pública do Amazonas, serviriam como capítulos magníficos para que alguém, à altura do grandioso empreendimento, biografasse o morto insigne, cujo renome na paisagem solar do beletismo requer, já e já, como imperativo inelutável, a presença e a ação de um biógrafo condigno.

# No Caminho das Estrêlas

GENESINO BRAGA

(Da Academia Amazonense de Letras)

No chão reflexo, sob o cone de luz pênsl do teto, salta das trevas a silhueta da bailarina. Não é mais que a tênue pluma de Verlaine, vestindo a imagem da fragilidade; nem menos que a emoção plástica palpável gerada em seiva de cristal. E' o jôgo rítmico da Forma, a geometria sensorial dos movimentos, com que a etérea figurinha de Tánagra coregrafa, na pista luzidia, o sentido escultório do equilíbrio.

Graça volátil, envolta em fúmeo véu de bisso, virgem e leve como um lírio, a lesta *wilis* meneia alíferos anseios, doma o espaço e se espirala em airosos voluteios, na argêntea faixa luminosa. Baila em oração: a expressão doce, os olhos súplices, nos lábios rictos a flor de um beijo de perdão. Suas mãos têm frêmitos de prece: flaflam tremuras de misericórdia, adejam acenos de *mea-culpa*, grafam sinais de contrição. Os pés deslizam, giram e correm, — flexíveis, alígeros, fluidais, — pétalos destros da cadência, plantas macias em tatos de veludo. Duas serpentes de carne rósea e elástica são seus braços, em harmônicos volteios pelo ar, como raízes de um cáule teso e fléxil buscando os sumos da sobrevivência. De ventre esguio, de busto ereto, de coxas

lisas, todo o seu corpo, esbelto e lépido, inspira o ideal da estatuária. Dança! e, na dança, ao som dos ritmos sensíveis do ballet, tem tóda a movimentação da natureza: nada e voa, salta e coleia, rebenta e excita; é peixe e pássaro, gato e serpente, arbusto e mulher. Seus músculos se enrijam à flor da cútis nívea, suas veias refervem o plasma árdego e infrene da emoção. Tóda ela é a voragem da posse exclusiva da matéria, a alma inflamada de extases e ardores veementes, em decalque na sua plástica harmoniosa.

Súbito, a música finda, a bailarina se imobiliza, a luz se esvai. Da mensagem de beleza que ela nos trouxe ficam esvoaçando em nosso pensamento, como uma ave cativa, os fragmentos daquele prisma de faces multivárias que o bailado refletia, — fascinante painel de arte emocional, imperecível de genialidade na razão estética do eterno espetáculo.

.....

Agora, a bailarina está prostrada. Na quietação do camarim, fechada e só, dorme em hipnose. E' tóda o abandono da fôrça irrefreável que lhe agitara o corpo e o sangue; é tóda o silêncio do tumulto em que, momentos antes, se fundiam os grandes apelos de seus músculos elásticos. O doce apaziguamento de sua carne marca limites entre a concepção reflexa da vida e o gôsto exótico da morte.

Mas, o espirito da bailarina não repousa. No imenso dulcor da queda física, desvia-se para o efêmero. Tem sêde de infinito e adeja, em ronda insatisfeita, pelos caminhos das estrêlas. Liberto do corpo em letargia, continua a dança que êste interrompera. Desloca-se para os prados e, colibri sôfrego, vai de corola em corola, haurindo néctares acidulos. Oscula as relvas, afaga as fontes, vence as paisagens, beija ramagens e palmais, dançando sempre, bailando tonta, em desvairada busca do Impossível, do Intangível, do Inatingível.

Galga as montanhas, atinge os picos e pula para a Via-Látea; e vai, de estrêla em estrêla, em saltos rítmicos e doidos rodopios, bailando sempre, dançando sôfrega e alucinamente, na ânsia de encontrar e de atingir, como na própria miragem da sua arte, talvez o *fim do Infinito!*

.....

No morno recesso do camarim, fechada e só, a bailarina desperta. Restituída dos cansaços que a extenuavam, retoma a posse da inteligência, — viçosa e esbelta flor de carne, nua e impalpável como no sonho de um fauno. E surge-lhe, então, do fundo espêso da penumbra, como em racontos de Grimm, o espectro fúmeo do *Ballet*. Já da orquestra, à distância, vinham os primeiros agoirais acordes da *Dança Macabra*, de Saint-Saens, sugerindo a impressão vertiginosa de um turbilhão aéreo em fuga da terra, para voltar, no espaço, como os planetas.

— Que queres mais de mim? — indaga, espavorida, a bailarina.

— A fluidificação do que, em ti, ainda é matéria apodrecível. Carne, sangue, pus e lágrimas são insidiosas degradações das graças sagradas que recebeste para os milagres da interpretação da vida. No que há, em tí, de luz e unidade interior vivificam as grandes concepções do ideal artístico. És o instante de uma retirada harmoniosa para o transcendentalismo puro, o misterioso refinamento de uma vocação que encontrou a sua outra face na luz da tua predestinação. Fonte cristalina e marulhenta da criação divina, só teu espírito perdurará no mundo da suprema e eterna claridade. Porque retens, dentro de tí, o clarão privativo dos seres para os quais a dança é a mais pura expressão da beleza. Não há um *fim* na trajetória do sentimento artístico, nem limites, no sobrenatural, para as

aspirais da genialidade. A inteligência humana é obscura a decifração dos polos magnéticos da arte, onde sempre se confundem as perspectivas da imaginação criadora.

— Vai e dança! Teu sonho foi panorâmico do curso infinito e luminoso em que se ampliam as razões estéticas da tua arte. Vai e dança!, — até que o teu espírito se acenda, pelos caminhos das estrêlas, na paixão das potestades que te lançaram em seus desígnios! E terás, então, — luz e essência! — o milagre excelso da tua metempsicose em criatura sagrada, ungida com o íon divino que emana dos arcanos altíssimos e eternos do Nirvana.

# LITERATURA: SEMPRE FANTASIA

MOACYR G. ROSAS

(Da Academia Amazonense de Letras)

Indagaram-me outro dia, de inópino, do que mais me seduz na literatura; e, por incrível que pareça, eu não soube de pronto responder, lembrando-me então do conceito de um famoso escritor irlandês. Diz êle, a propósito, não estar a indiscreção na pergunta e, sim, quase sempre no modo de responder.

Restabelecida a serenidade, verifico ser extremamente comprometedor, ao indivíduo, a inclinação total de sua inteligência às letras. Em verdade, afóra o dourado, as lantejoulas, oriundas de justificadas brumas invejosas, a literatura só compensa seus sacerdotes pela miséria.

Não importa que êle componha a *Iliada* e a *Odissea*. Não importa que êle associe o misticismo e o ódio para escrever a *Divina Comédia*. Não importa que seu herói cômico e sublime se chame *D. Quixote* e personifique a humanidade. Não importa que êle se inspire nas sacras muralhas da triste *Jerusalem libertada*. Não importa que alcance as glórias supremas das letras britânicas com seus dramas incomparáveis, onde nos revela as mais escondidas fibras do coração humano.

Por que Homero, Dante, Cervantes, Tasso e Shakespeare acabaram os seus dias escrevendo um drama de dolorosa pobreza com a própria existência? Morrer (diz Latino Coelho) é a sua alvorada. Morrer esquecidos, ultrajados, crucificados pela ingratidão. Quando o poeta agoniza no grabato humilde, mal sabem os poderosos do mundo que, naqueles transes dolorosos, está desabrochando uma das mais formosas palmas da honra nacional; e que, enquanto aquelas almas, que não cabem à larga em toda a amplidão da terra, se despojam da carne, estão acendendo o mais esplêndido luzeiro da glória comum. Enquanto vivos, são importunos, são ociosos, são poetas, quando já as invejas não acham corpo onde morder, senão espírito e luz com que cegar”.

E' incontestável que só o trabalho estabiliza o indivíduo na esfera social. Sem atividade, a pessoa anula-se automaticamente. “O trabalho é o vínculo social por excelência”, opina Djacir Menezes e Augusto Conte salienta o benefício do trabalho em relação à vida religiosa, dizendo que êle “impede nossos sentimentos de degenerarem em puro misticismo e nossa inteligência de perder-se em contemplações ascéticas”. Sem dúvida que, às concepções artísticas, além de que o indivíduo seja excepcionalmente dotado, necessita êle de meditar permanentemente no assunto. Ainda mais, o indivíduo consagrado às supremas belezas do espírito, compõe uma elite orgulhosa, que, pela dialética maravilhosa, espezinha as classes que sustentam o estado e mobilizam o comércio. Em represália, estas lhes dão o desprezo. Ainda que difícil conceber-se à primeira vista, as artes e as letras só afloram com admirável beleza, quando o povo desfruta equilibrada estabilidade econômica. O sepultamento das grandes culturas foi a resultante da fragmentação econômica e política dos seus povos. A Itália, na época da Renascença, foi viveiro de artistas renomados. A Holanda, depois que estendeu os seus domínios em regiões prósperas, cultivou as suas maravilhosas

tulipas e seleccionou o seu esplêndido rebanho de gado vacum, e, então, os seus artistas cantaram-nos em versos, celebraram-nos em prosas e fixaram-nos em telas. Mas, nem por isso excetua-se a gloriosa Holanda de ter sido madrasta para Rembrandt, um dos maiores gênios pictóricos da humanidade.

O que fazer para remediar estes deploráveis painéis da vida dos homens superiores? Invocar o socialismo? Os artistas são anormais; as leis são mui severas para a amplidão dos seus sentidos!... Aconselhá-los à economia? E' um fato perigoso! Poucos têm o equilíbrio de Dumas Filho. Se fôr modelar-se por Victor Hugo, teremos um outro Eugénio Grandet, um miserável sovina, questionando à porta da suntuosa residência com o esfarrapado gazeteiro, por causa de poucos centavos.

Em geral, quando se fala em êxito, tem-se logo a impressão de lucro monetário. No alvorecer deste século, alguém indagou a Lima Barreto a melhor maneira de obter o êxito nas letras, ao que êle respondeu, numa solução de alcoólatra inveterado: — "Basta possuir um terno azul marinho e uma camisa de seda".

Esta fórmula é falsa. Se desse resultado, o conhecido escritor Agripino Grieco teria tido vitória nas letras. Segundo o escritor bahiano Queiroz Junior, em seu ruidoso livro *Agripino Grieco o diabo jovial*, o famoso demolidor não ganhava com seus artigos "mêdia e pão com manteiga para os seus filhos". Talvez esta afirmação esteja um pouco favorecendo o célebre autor de *Pérolas*... pois a verdade é muito diferente! O curioso escritor usava o seu estilo melodioso para entoar lôas aos poderosos que lhe pudessem melhorar a vida. Tanto é verdade que êle sabia que os que enxergavam uma chave além do nariz conheciam os recursos pouco recomendáveis, que a sua vida cheia de problemas lhe obrigava a recorrer. Daí, dizer-se êle próprio *infecto escritor*. Tal episódio se acha em

*Arame Farpado*, de Gondim da Fonseca, na dedicatória de um de seus livros à revista "A Careta", reproduzido em facsímile. Se homem como Grieco, que tem a facilidade extraordinária para escrever, não ganha o suficiente para manter uma certa dignidade, imagine os outros que não penetraram no *trust* do livro! . . .

Agora mesmo, no Rio, segundo nos conta Lúcio Cardoso: Grandes nomes, esquecidos e tidos como já de pouco interesse para o público leitor, voltaram a rebrilhar com todos os fogos da publicidade. Camilo, com cento e tantos volumes, passou a interessar novamente aos editôres ambiciosos. Viu-se o desentêrro de Coelho Netto, cuja obra atinge a casa dos duzentos volumes. Processa-se movimento em tórno de Afrânio Peixoto, que também possui obra vultosa. José de Alencar, Bernardo Guimarães, os grandes clássicos do passado, avançaram novamente à primeira linha, graças a uma obra coesa fechada, podendo ser reproduzida em dezenas de volumes. Escritores vivos, percebendo o sucesso, trancaram-se em casa a redigir apressadamente definitivas Obras Completas — imortalidades, e, com o regime de inflação, rebentaram da noite para o dia. Não estamos apontando nenhum mal, como poderá parecer a muitos que percorrem estas linhas — mesmo porque não há mal nenhum". O mal vem de origens remotas. Eis por que aquêles que podem e pensam ter vontade suficiente para governar os seus impulsos, devem usar a literatura para deleite do espírito.

E' nesta distância que eu me resguardo da literatura!

# DOIS TRABALHOS

Por *WILHELM GIESE* (Membro Correspondente da Academia Amazonense de Letras, Hamburgo, Alemanha).

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES SÔBRE O ESTILO DA POESIA ATUAL POPULAR ESCRITA NO BRASIL

Como campo das observações seguintes me serviram poesias escritas para os trovadores populares pelos autores Rodolfo Coelho Cavalcante (Baía), M. d'Almeida Filho, Cuico de Santo Amaro, H. Amorim, popularizadas por folhetos como "pliegos sueltos" do século XVI que propagaram os romances espanhóis. As coplas são formadas por sete, mais raras vêzes por seis, e num ou outro caso de dez versos de oito sílabas. Trata-se de poesias históricas ou políticas, de milagres, de tradições, ou de contos populares em versos como no caso de M. d'Almeida Filho, *A vitória de Floriano e a Nega Feiticeira*, que é o conhecido conto Nr. 71 dos irmãos Grimm (*Sechse kommen durch die ganze Welt*).

Característica é a introdução, na qual o autor expressa os seus fins. Quatro poesias começam

Agora caros leitores  
Venho de novo escrever  
Outro livro de milagres  
Quem duvidar venha ver (*Coelho Cavalcante*)

Leitores eu vou contar  
 O que eu vi no sertão  
 Quando por lá andei (H. Amorim)

Peço licença, leitores,  
 Mesmo sem ser literato  
 Escrever singelamente  
 Contando fato por fato (Coelho Cavalcante)

Vou descrever uma história  
 Despertando os curiosos (M. d'Almeida Filho)

Comparem-se a estas introduções as das poesias populares do Rio Grande do Sul: *Vou cantar a galinha morta*; — *Vou cantar a Chimarrita/ Que uma moça me pediu* ou *Eu vim p'ra contar a história/ Dum tatu — que já morreo* (Simões Lopes Netto, *Cancioneiro Guasca*); *Agora eu vou contar/ O ataque dos guerreiros* (Cezimbra Jacques, *Assumptos do Rio Grande do Sul*). Cf. ademais *Agora que eu vou fazer/ Uma grande comparação* (Barbosinha em *Modas de viola*, Piracicaba 1949).

Encontramos o mesmo motivo já na Idade média: na poesia portuguesa: *Quer'eu em maneira de proença/ Fazer agora um cantar d'amor* (Dom Denis), na poesia provençal: *Companho, faray un vers tot covinen; Farai un vers de dreyt nien; Farai chansoneta nueva* (Guilhem de Peitieu), na poesia francesa: *Chançon voil faire par time e par lionne* (Alexandre le Grand); *Bone chanson plaist vos que ge vos die* (Bertrand de Bar-sur-Aube, *Girart de Viane*), na poesia espanhola: *Quiero fer una drosa en roman paladino* (Gonzalo de Barceo, *Santo Domingo de Silos*).

Outro elemento da poesia popular escrita brasileira é o apostrofar os leitores para exigir o seu interesse. Acha-se no começo: *Agora caros leitores; Leitores eu vou contar; Presado leitor me ouça/ Na expressão da verdade; Peço licença, leitores (... escrever... contando)*, no interior da poesia: *caros Leitores*, ou no fim, junto com um convite: *Rezemos, caros leitores,/ O pae nosso todo dia*.

Como nos contos populares, o autor assegura que o contado é verdade: *Presado leitor me ouça/ Na expressão da verdade*. Se tivesse uma pessoa que não quizesse acreditar, poderia ir verificar: *Quem duvidar venha ver*, o que corresponde formalmente à fórmula final dum conto popular português: *A certidão está em Tondela/ Quem quizer vá lá por ela* e à fórmula italiana: *Se poi voi non ci credete, andate a vedere*. O povo que não sabe estimar os valores estéticos da ficção, gosta da "história verídica". O autor pode indicar a verdade do contado ainda falando da sua assistência aos acontecimentos: *Vou contar/ O que eu vi no sertão/ Quando por lá andei*, elemento muito usado na técnica de contar contos populares.

Como ao fim de contos populares italianos (da Toscana), mallorquinos, albaneses e judeu-espanhois de Istambul encontramos ao fim duma poesia brasileira de Cuico de Santo Amaro um bom desejo para o leitor ou ouvinte:

E eu "pro" Mangabeira  
Peço a Deus o seu amparo  
Que vos dê vida e saúde.

Um bom desejo para com o autor ou trovador ao fim duma poesia de R. Coelho Cavalcante: *Deus dê a quem contou esta/ saúde e felicidade* oferece certa analogia ao requerimento duma gorgeta ou dum copo de vinho ao fim de contos populares de Gascunha, do Friul, da Apúlia e dos Ruménios. O copo de vinho apresenta-se já em Berceo: *bien ualdra, como creo, un vaso de bon vino* (*Santo Domingo de Silos*, verso 8) e no segundo explicit do *Cantar de Mio Cid*: *dat dos del vino si non tenedes dinneros*.

Em *Do mundo nada se leva* e *A volta de Getulio*, ambas de Coelho Cavalcante, notamos a tendência de fazer principiar em cada estrofe a maior quantidade possível dos versos pela mesma palavra.

Em *A volta de Getulio*, ademais, o último verso de cada estrofe é o mesmo, ou quasi o mesmo. Encontramos 16 vezes

*Se Getulio não voltar, 8 vezes Seu Getulio vai voltar e uma vez os seguintes versos finais: Mas Getulio vai voltar; Quero ver GÊGÊ voltar; Quero ver ele voltar; Se ele não tem de voltar?*

As estrofes 1, 2, 6, 7, 8 e 9 de *Do mundo nada se leva* representam acumulações de adágios ou dizeres populares.

No *ABC do Amor* de Coelho Cavalcante cada estrofe principia com a letra seguinte conforme o alfabeto.

Numa poesia de Cuico de Santo Amaro aparece o nome do autor no último verso. As primeiras letras dos versos da última estrofe duma composição de M. d'Almeida Filho, lidas de arriba para baixo, dão *Almeida*, e em duas poesias de Rodolfo Coelho Cavalcante resulta da mesma maneira *Rodolfo*.

Estas provas bastam para demonstrar que os poetas populares brasileiros têm conservado muitos elementos da antiga tradição estilística popular, e, entre outros, elementos conhecidos da técnica dos contos populares, comum a todos os povos românicos, ou ainda elementos que já aparecem na poesia românica medieval.

# TUPÍ-GUARANÍ NANDÉ E ORÉ

A língua tupí-guaraní oferece o particular de possuir duas palavras para expressar a primeira pessoa do plural do pronome “nós”: *ñandé* e *oré*. Os mesmos pronomes servem antepondo-os a um substantivo em vez de pronome possessivo. Em vez de *ñandé* o *Curso de língua Tupí viva ou Nheengatu* de Couto de Magalhães dá *íandé* ou *iané* (pág. 59) e *La langue tapihiya* ou *ñeengatu* de C. Tastevin, Viena 1910, *yane*.

A diferença existente entre *ñandé* e *oré* é que *nandé* inclui a pessoa ou as pessoas a quem se fala, e *oré* as exclui.

Diz A. Guasch no seu livro *El idioma Guaraní*, segunda edição, Buenos Aires 1948, pág 40: “Hay que notar el plural restringido. *Oré* significa “nuestro” em sentido restringido. Incluye al que habla y a los suyos (de la misma classe, sociedad, nación, tec.). Excluye a aquellos, a quienes se dirige la palabra. *Oré* (nosotros), dirá por ejemplo el paraguayo, dirigiéndose a argentinos; pero dirá *ñandé* (nosotros), si quiere abarcar actividades comunes a argentinos y paraguayos.” Cf. pág. 370; *oré*: “nosotros (restringido, excluyendo los que nos oyen)”. El *Diccionario guaraní-español y español-guaraní* de A. Jover Peralta y T. Osuna, Buenos Aires 1950, dá s.v. *ñandé*: “Nosotros-as./ Nos. a nuestros. Nuestros-as./ Nuestros-as incluyendo a la persona con quien se habla.” e s.v. *oré*: “Nosotros-as./ Nos, a nosotros-as./ Nuestro-a-os-as./ No incluye a la pers. con quien se habla.” Tastevin diz (pag. 158): “*oré* nous, a l'exclusion de vous et d'eux. Ce pronom n'est plus connu dans le Solimões”.

Trata-se aqui dum momento psicológico que também se conhece de outras línguas. Já o francês oferece a mesma diferenciação quando diz *nous* incluindo aos ouvintes ou leitores e quando diz *nous autres français* excluindo todos que não são franceses.

Ainda ficando na América do Sul temos o exemplo do quechua, que para "nós", e também para o pronome possessivo "nosso, nossa", conhece as seguintes formas inclusivas, que se usam indistintamente: *nyoka-ntijh*, *nyoka-ntijhku*, *nyoka-ntijhkuna*, *nyoka-ntjeh*, *nyoka-ntjehku*, *nyoka-ntjehkuna* e as formas exclusivas (também indistintamente usadas) *nyoda-yku* e *nyoka-ykuna*.

Na língua Maya "nosso" inclusive é expressado pelo prefixo *k* e o sufixo *es*, p. e. *k-na-es* "a nossa casa" (a tua e minha), "nosso" exclusive pelo prefixo *k* e o sufixo *on* e *es* no plural, p. e. *k-na-on* "a nossa casa" (a minha e a sua, de êle), *k-na-on-es* "a nossa casa" (a minha e a sua, referindo-se a várias pessoas).

Na África o Nuba antigo dos séculos VIII até XI distingue entre a forma inclusiva *u* e a forma exclusiva *er* "nós". No Nuba moderno esta diferenciação deixou de existir, generalizando o Kenuzi a forma *ar* e o Mahassi a forma *u*. O Somali oferece a forma inclusiva *inn-a* e a forma exclusiva *anna-a*, Ful a forma inclusiva *en* e a forma exclusiva *men*.

Das línguas dravidicas da Índia o Tamil moderno, o Telugu, o Kui e o Kurukh conhecem uma forma inclusiva e outra exclusiva para "nós" (em contraposição ao Kanarês, Gondi e Brahui): Tamil *nam* "nós" inclusivo e *nankal* "nós" exclusivo; Telugu *manamu* "nós" exclusivo. Existe em Tamil ainda outra forma inclusiva que é *yam*, forma poética e antiquada.

O Santali (uma língua na Índia do grupo áustro-asiático) oferece para a primeira pessoa do pronome pessoal um dual inclusivo *alan*, um dual exclusivo *aliñ* ("nos dois"), um plural inclusivo *abon* ou *abo* e um plural exclusivo *ale* ("nós todos").

Na Bahasa Indonésia( no Malaio) temos para "nós" *kita* como forma inclusiva e *kami* como forma exclusiva; no Samoano existem para "nós" um dual inclusivo 'o i *taua* e um plural inclusivo 'o i *tatou* e um plural exclusivo 'o i *matou*.

O mesmo respeito encontramos na Austrália em línguas que se falam no sul, ao leste do Darling-River : no Wiradyuri: dual inclusivo *ngalli*, dual exclusivo *ngalliguna*, plural inclusivo *ngeani*, plural exclusivo *ngeaniguna*; no Wongaibon : dual inclusivo *ngulli*, dual exclusivo *ngullina*, plural inclusivo *ngeana*, plural exclusivo *ngeanuna*; no Wailwun : dual inclusivo *ngullu*, dual exclusivo *ngullina*, plural inclusivo *ngeane*, plural exclusivo *ngeaninna*; no Kamilaroi : dual inclusivo *ngulle* ou *ngulli*, dual exclusivo *ngullina* ou *ngullingura*, plural inclusivo *ngeane*, plural exclusivo *ngeanel*. Juntamos para as línguas do Estado de Victoria no sudeste australiano Buan-dik ocidental *ngatsahal* como dual inclusive, *ngatsowillal* como dual exclusivo, *ngatsohe* como plural inclusivo e *ngatsowille* como plural exclusivo.

# A Paisagem Amazônica

Byron de Oliveira Freire

O ritmo selvagem da Natureza bruxuleou na contextura feroz da região amazônica a opulência incomparável dos panoramas universais.

Entre o Pará e o Amazonas, encontra-se a ubertossidade inesgotável das côres naturais que conseguiram enfeitiçar o conjunto de um painel, que podesse faltar de venustimos ao mais exigente dos artistas humanos.

A paisagem da terra confunde-se com a paisagem da água e esta, com a da floresta imensa que se casa à concavidade pulquíssima de um infinito soberbamente marchetado de formosuras estelares.

A interrogação do olhar é um reflexo sublimado da perquirição insatisfeita e fascinada de uma inteligência que se esbate nos desvãos inexoráveis de uma tela misteriosa e grande. Quem, pela razão, atinge o fastígio da paisagem amazônica, permanece na dúvida de que no seu lençol geogênico há qualquer manifestação da anti-deli-viância, ou se está processando na barbárie de sua grandeza o prelúdio inesperado de um novo dilúvio para destruí-la, ou, ao contrário disso, fixar nela a agitação invulnerável da maior das civilizações que a humanidade terá de assistir um dia. No contórno natural da paisagem do "Inferno Verde", desde a foz do Rio-Mar ao seio misterioso do continente amazônica sob uma abóbada celeste de inimitáveis encantos e o coleio infrene e orgulhoso da caudal insupe-

rável, que rasteja volutuoso e indiferente o dorso inexaurível da terra imatura, alfombrada de florestas opulentas e ciclópicas, há motivos sobejos para o homem sentir e pensar. Em tudo há sedução e abismo: no prélio incessante das águas amazônicas em luta com as águas oceânicas, onde se encontra a faixa escura das matérias orgânicas, que o gigante caudaloso traz para o mar bravio e êste, repelindo a oferta daquêle, numa faina titânica de dois monstros indomáveis; na cambiância fosforescente dos arco-iris em festa, ante o deslumbramento das manhãs meio chuvosas e meio ensolaradas na baía de Marajó; no assombro desnordeante dos furos das Jararacas e na capilaridade das vênulas esfaimadas do estreito de Breves; na folhagem persistente de uma floresta prehistórica e gigantesca, que se ostenta de um matagal impenetrável e terrífico; no festejo selvagem de um passaredo canôro e exquisito que aplaude com seus gorgeios silvestres a beleza e o perfume de uma Primavera eterna, assim como o sazoadado constante dos pomos succulentos de um Outono também eterno na ansiedade procreativa de uma Flora sem igual no mundo; no terror indescritível de uma bicharia feroz e temível, que apavora pela proliferação das alimárias, tôda a extensão de uma Fáuna regionalmente variada; na policromia pompeante das borboletas do Tapajós.

O homem ainda sente e pensa entre duvidoso e perspicaz; não sabe onde está o inverno nem o verão; ora manhãs claras de sol, ora manhãs anuviadas e chuvosas, mas sempre um meio-dia estarrecente de mormaços e umas poetizantes tardes de fulvos arrebois que derramam o sangue amarantado das suas flamas rubras sôbre o verde aveludado da floresta imensa.

As noites de luar são profundamente misteriosas e calmas, como que escutando no mutismo da natureza majestosa de uma "selva selvagem", um linguajar fantástico adornado de mitos e duendes oriundos de um Curupira e de um Jurupari; de um lara varando as matas e de uma Boiúna flutuando os lagos; de um Japiim desafiando um Tangará valente; do Uirapurú enfeitando de música um Matin-Taperera, que, ataviado de Muiraquitãs, murmura

com os Bôtos lendários do coleio das águas, festejadas e divertidas por Ninfas e Naiádes nos seus lindos barcos encastelados de sonhos.

O colorido dos mares do mundo encontra-se quase todo na copiosa rêde fluvial do Amazonas, com as águas azuis do Tocantins; com as águas verde-negras do Tapajós; com as águas claras do Rio Trombetas; com águas esverdeadas do Rio Madeira; com as águas brancas do Rio Branco; com as águas negras do Rio Negro e com as águas amarelas do Solimões. O encontro das águas do Solimões com o Rio Negro reveste-se do espetáculo mais sublime e emocional de que os olhos humanos jamais poderão ver noutras paragens da terra. Assim, é o quadro amazônico.

Na impetuosidade da terra, no susurro das matas, no murmúrio das águas e no docel cintilante das estrelas, ouve-se ainda o ressoar da Inúbia autóctone como um protesto dos Tucháuas, Morubichabas e Pagés das tribus primitivas, reclamando da terra a posse legítima das suas tabas.

Na macunaíma furiosa dessa grandeza regional, há venenos naturais que tudo fulminam; há tempestades terróricas que tudo devastam; há segredos insondáveis que desafiam a inteligência humana, e maravilhas incomparáveis argamassadas no complexo dos elementos sedimentares silurianos, devonianos e carboníferos, cobertos de grés mole e de argila compacta, que resistem à fúria solapadora das pororocas tremendas, cujo rugido, assemelha-se ao trovão, que com fragor violento enovela as águas agitadas com os seus banzeiros medonhos.

A imaginação humana para interpretar a expressão geopolítica do "Inferno Verde", há de encontrar nêle o sentido altiloquente dos monumentos imortais, que encerram o misticismo criador de um "Alcorão"; a evangelização beatífica de uma "Bíblia Sagrada"; a grandeza puritanista de um "Paraíso Perdido"; a superioridade instintiva de um "Fausto"; a esplendorosa salvação dos reinos espirituais de uma "Divina Comédia"; a facúndia e a argúcia de um "Gil Blás de Santilhana"; a epopéia gloriosa de um "Lusiadas";

a explosão ciclópica da estilística racial de "Os Sertões"; a grandeza patriótica do poema "Caramuru", simbolizado nos vultos indígenas de um famoso Guaimiába e de um Ajuricaba heróico, que, como fastos históricos dos primitivos heróis da raça setentrional, perlustram a lembrança de quantos a apreciam.

Há ainda no contôrno panorâmico do pitoresco amazônico, Belém e Manaus, que, como duas jóias preciosas do interesse humano, guardam carinhosamente no seu regaço o fausto e a beleza do rincão amazônico, voluptuosamente engalanado com a bondade, com o sorriso, com o donaire e com a fascinação das suas mulheres bonitas, que exornam o maior cabedal da formosura anadionêmica e sedutora do Olimpo paradisíaco do Brasil-Norte — a Amazônia.

A emoção, o maravilhoso, o belo e arte, enfim, não podem traduzir na pureza das cores irisantes o esbôço e o cariz da paisagem amazônica que sensibiliza filósofos, inquieta cientistas, atrai geógrafos, confunde historiadores, desperta sociólogos, seduz pintores e emociona poetas.

Na encenação sublime dêsse drama maravilhoso que é a paisagem amazônica, o teatro descomunal das idades desconhecidas, há prelúdios das óperas da luta natural dos meios, como na introdução sentimental das operetas, a harmonia bárbara dos elementos da terra fecunda, a melodia insinuante da torrente irresistível e a sinfonia tropical de uma floresta soberba e secular.

# Comemorações quadragenárias

## ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

*Festejarão dois acontecimentos: o aniversário da Academia e o natalício do presidente*

Amanhã, dia 8, estarão reunidos num almôço de confraternização, no "Bar Acadêmico", todos os atuais componentes da Academia Amazonense de Letras, para festejar dois acontecimentos: o aniversário do sodalício, que transcorreu dia 1.º de Janeiro e o natalício do presidente Salignac e Sousa, a decorrer nessa data. Não há oradores designados. Todos poderão discorrer, durante o ágape cordialíssimo, sobre os quarenta anos da confraria e o genetliaco do atual dirigente do Silogeu. Os acadêmicos, sem exceção, presentes em Manaus, comparecerão ao almôço, que será realizado às 12 horas, naquele local.

"A Tarde" 7.1.1958.

## FESTIVAMENTE COMEMORADO

*O 40.º Aniversário da Academia — A imprensa prestigiou o ágape dos "imortais"*

Realizou-se ontem, no Bar Acadêmico, o almôço dos "imortais", comemorativo do 40.º aniversário de fundação da Academia Amazonense de Letras e do natalício do acadêmico Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, presidente do sodalício.

Ao ágape dos acadêmicos compareceram representantes da imprensa, tendo-se observado um ambiente de franca e comunicativa cordialidade. "Au dessert", fizeram-se ouvir os acadêmicos Padre Nonato Pinheiro, Mitrídates Corrêa, Valois Coelho, Aristophano Antony, Mavignier de Castro e ministro Waldemar Pedrosa. Em nome da imprensa, usou da palavra o Revmo. Cônego Walter Gonçalves Nogueira, diretor de "Universal".

O presidente Salignac e Sousa, que na data aniversariava, agradeceu com eloquentes palavras as homenagens dos seus pares, e afirmou seus propósitos de tudo empreender em prol do Silogeu Amazonense, que é, indiscutivelmente, a alavanca promotora da cultura de nossa terra.

"O Jornal", 9.1.1958.

## BRILHANTEMENTE FESTEJADOS OS QUARENTA ANOS DA ACADEMIA

*Como decorreu o almôço de ontem, no Bar Acadêmico*

Realizou-se ontem, às 12 horas, no Bar Acadêmico, o banquete comemorativo do 40.º aniversário da Academia Amazonense de Letras e do natalício do acadêmico Desembargador Leoncio de Salignac e Sousa, egrégio presidente do sodalício.

O ágape decorreu na maior cordialidade, contando com o comparecimento da imprensa. "Au dessert", usaram da palavra: Padre Nonato Pinheiro, Mitrídates Corrêa, Valois Coelho, Aristophano Antony, Mavignier de Castro e ministro Waldemar Pedrosa. Em nome da imprensa, falou o Cônego Walter Gonçalves Nogueira, diretor de "Universal".

Salignac e Sousa, com a pompa do seu verbo luminoso, agradeceu a homenagem dos seus confrades.

"Jornal do Comércio", 9.1.1958.

FESTA LITERÁRIA DE CONGRAÇAMENTO  
ASSINALOU O TRANSCURSO DE DUAS GRATAS  
EFEMÉRIDES

*O quadragésimo aniversário de fundação da Academia Amazonense de Letras, e o natalício do desembargador Salignac e Sousa (presidente) foram comemorados no Bar "Acadêmico" com lauto ágape*

As 12 horas de ontem, no conceituado "Bar Acadêmico", reuniram-se os senhores membros da nossa Academia de Letras, para comemorarem, num só ensejo, duas datas expressivas: o quadragésimo aniversário de fundação do Silogeu, ocorrido no dia primeiro dêste mês, e passagem de mais um natalício do desembargador Salignac e Sousa, atual presidente, que ontem transcorria.

Ao ágape compareceram os "imortais" Salignac e Sousa (homenageado), Waldemar Pedrosa, Mavignier de Castro, Genesino Braga, João Mendonça de Souza, Aristophano Antony, Sadoc Pereira, Moacyr Rosas, Pe. Nonato Pinheiro, Valois Coelho e Mitrídates Corrêa. Como convidados especiais os representantes de A GAZETA, "Universal" e "A Tarde".

O ambiente da festa foi de perfeita cordialidade e quase todos os intelectuais ali presentes, usaram da palavra para exprimirem o seu regozijo, a imensa satisfação pela passagem de tão gratos eventos. As orações do Pe. Nonato Pinheiro, ministro Waldemar Pedrosa e drs. Mitrídates Corrêa e Valois Coelho foram hinos de beleza que bem revelam o alto grau de inteligência da nossa maior Casa de cultura. Em nome da Imprensa falou o reverendíssimo Cônego Walter Gonçalves Nogueira, diretor do "Universal". O agradecimento do homenageado, desembargador Salignac e Souza, reviveu lutas do passado e sem insinuar-se profeta, predisse uma caminhada triunfal para a Academia Amazonense de Letras.

"A Gazeta", 9.1.1958.

## NUM LAUTO BANQUETE

*os acadêmicos comemoraram o transcurso dos 40 anos  
da A. A. L.*

Consoante foi amplamente divulgado realizou-se ontem, às 12 horas, no "Bar Acadêmico", o almoço de confraternização dos acadêmicos do nosso Estado, em comemoração ao decurso de 40.<sup>o</sup> aniversário de fundação, em Manaus, da Academia Amazonense de Letras, e da passagem do aniversário natalício do des. Leôncio de Salignac e Sousa, Presidente do Silogeu. O ágape decorreu num ambiente de franca cordialidade, contando com a presença de representantes da imprensa. Na oportunidade usaram da palavra os acadêmicos: Padre Nonato Pinheiro, Mitridates Corrêa, Valois Coelho, Aristophano Antony, Mavignier de Castro e Ministro Waldemar Pedrosa. Em nome da imprensa falou o Cônego Walter Gonçalves Nogueira. O des. Salignac e Sousa agradeceu a homenagem que seus confrades acabavam de lhe tributar.

"A Tarde" 9.1.1958.

# A Revista e a Imprensa

SETE DIAS

*José Gabriel PINTO*  
(KIWA)

## REVISTA ACADEMICA

Está em circulação mais um atraente número de Revista da Academia, e que por gentileza do seu culto e dedicado secretário Padre Raimundo Nonato Pinheiro, me fôra ofertado cordialmente.

Quero, todavia, apreciar ligeiramente o aparente contraste do seu aspecto exterior para o interior onde, numa sequência soberba e admirável há o encanto da policromia que enaltece a esplendorosa inteligência planiciária.

Então, seguindo a suavidade do adejar dos mais sutis e profundos pensamentos, escalamos aqui e ali com os revérbos ternos e imprevisíveis da análise e das especulações filológicas e filosóficas que resguardam as belezas do espírito acadêmico do Amazonas.

Dentro de suas páginas ricas e fulgurantes, encontramos a forma iluminada de quantos, seguindo a estrada serena dos peregrinos do Saber e do Conhecimento, caminham em busca da Cultura e da Inteligência.

Substancial e opulenta, lembra-nos os nomes de mestres como Péricles Moraes, João Leda, Artur Virgílio, Castro Monte e outros que vivem nas memórias vivas das homenagens e das recordações.

Então, por esta infinita alegria, agradeço penhoradíssimo a nímia oferta que me fez o Padre Nonato Pinheiro, formulando votos para que DEUS mais o ilumine, proporcionando-lhe penetrar e devassar os celestes Arcanos das formas estonteantes da Inteligência, a cuja deusa serve com a mais espiritual devoção e respeito.

*"Diário da Tarde"*, 25-11-1957.

## DE CAMAROTE

Lúcio CAVALCANTI

O ilustre beletista, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, ofertou-nos, com uma dedicatória, um volume da bem lançada e erudita Revista da Academia Amazonense de Letras, n.º 7.

O órgão publicitário do nosso respeitável Silogeu está muito bem apresentado e impressionou, otimamente, o público leitor, pela "forma e fundo". Grato ao intelectual planiciário, pela oportunidade que nos deu de deleitar o espírito, lendo páginas marcantes de cultura e beleza.

*"Jornal do Comércio"*, 8-11-1957.

## RONDA DOS FATOS

L. RUAS

## REVISTA DA ACADEMIA

Recebi a amável oferta que me fez o Revmo. Pe. Raimundo Nonato Pinheiro da opulenta "Revista da Academia Amazonense de Letras".

E' com prazer que assistimos a "Revista" realizar com segurança e continuidade seu itinerário de cultura em nosso meio onde, como todos sabemos, é quase uma temeridade

lançar publicações especializadas e manter um ritmo normal de edições. A "Revista" no entanto, apesar do seu aspecto de seriedade, continua perfazendo garbosamente sua trajetória.

Além dêste a "Revista" nos oferece um outro testemunho que é o da intensa vida de trabalhos que está tendo a nossa Academia de Letras.

Agradeço, portanto, a dádiva do Revmo. Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, atual diretor da "Revista" e faço votos para que a Academia e o seu órgão de publicidade progridam e continuem sempre a faina meritória de que estão investidos.

"A Crítica", 7-11-57.

## ASSUNTOS DO MOMENTO

### SATYRO BARBOSA

Acaba de lançar a Academia Amazonense de Letras, mais uma edição de sua Revista, referente ao mês de outubro.

Está portanto um trabalho que bem diz da vida daquela Casa, onde dorme diante de suas 295 páginas, o quanto de notáveis trabalhos literários encerram a belíssima obra da cultura da nossa hinterlândia.

De minha parte, cabe-me agradecer a honrosa oferta do exuberante número 7, partida da amável lembrança do renomado cultor das letras, Padre Raimundo Nonato Pinheiro, que em boa hora secretaria aquêle patrimônio da intelectualidade, e cuja obra servirá para enriquecer a minha secção e aquecer de perto as delícias de meu espírito, nas horas silenciosas dos meus serões.

"A Gazeta", 7-11-1957.

## REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS

Padre Nonato Pinheiro, príncipe das letras brasileiras, nosso colaborador dedicado e diretor da Revista da Academia Amazonense de Letras, ofereceu à redação de A GAZETA um exemplar da festejada publicação.

Como das vèzes anteriores, a Revista traz trabalhos produzidos pelos mais eminentes cultores da "última flôr do Lácio", em nossa terra, assinalando, para a posteridade, a beleza de sua linguagem e os traços característicos de seu estilo.

A Revista da Academia de Letras, indiscutivelmente, constitui-se, na realidade, na mais alta demonstração da cultura amazonense.

"A Gazeta", 26-10-1957.

### REVISTA ACADÊMICA

Recebemos e agradecemos o número 7 da Revista da Academia Amazonense de Letras — outubro de 1957.

Notamos a mudança dos patronos das cadeiras por força da revisão do Estatuto recentemente processada. Trouxe um certo sabor planiciário a inclusão dos nomes de Péricles Moraes, Adriano Jorge e João Leda (para falar dos que conhecemos) adornando as poltronas do facho simbólico. Viveram e produziram em nosso meio. Tanto bastou para os considerarmos nossos não importa as caminhadas fora da imensidade amazônica ou até mesmo os transbôrdos das fronteiras nacionais.

Queremos cientificar aos senhores acadêmicos que é sempre com certa gana que lhes sorvemos as produções, infelizmente oferecidas com parcimônia de tempos a tempos.

Que o seu talentoso diretor, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, nos dê a satisfação de ler outro número da Revista o quanto antes.

"Universal", 16-11-1957.

### PESSOAS, FATOS & COISAS

#### WALDEMAR BATISTA DE SALES

Circulando, nesta cidade, o número sete, da Revista da Academia Amazonense de Letras, brilhantemente apresentada por seus organizadores. Citada revista, caprichosamente

te organizada, de feição gráfica magnífica, traz discursos e trabalhos literários dos acadêmicos Waldemar Pedrosa — Aderson de Menezes — Aristophano Antony — Salignac e Souza — Djalma Batista — Genesino Braga — Mendonça de Souza — Moacir Rosas — Nunes Pereira e Padre Nonato Pinheiro.

Verdadeiramente, a publicação em referência, espelhando os valores mentais do ilustre sodalício, merece ser lida com a máxima atenção, não somente pelos discursos publicados, como pela linguagem limpa e cuidada dos seus membros, entre os quais se distingue, pelo brilho de sua prosa, o Padre Nonato Pinheiro. Não obstante os inúmeros obstáculos que existem para a confecção de revistas puramente literárias, a revista da Academia Amazonense de Letras espelha a cultura e a inteligência dos seus membros, os quais, apesar das distâncias dos grandes centros, permanecem espalhando a beleza do pensamento e da cultura.

Transmitimos, portanto, ao ilustre diretor da revista, os nossos agradecimentos pela oferta de um exemplar. E a casa de Adriano Jorge, Péricles Moraes e Leopoldo Péres continua sua brilhante trajetória, a serviço das letras e da inteligência.

*"A Gazeta"*, 29-10-1957.

---

## REVISTA DA ACADEMIA

ARTHUR ENGRÁCIO

(Do Clube da Madrugada)

Coisa rara no Amazonas é a subsistência de um órgão de publicidade literária, na sua forma mais comum: a revista e o jornal. Por experiência própria sabemos que êsses veículos pensamentais, quando muito, chegam ao terceiro ou quarto números. Quando chegam! No mais, sua vida resume-se, melancolicamente, a dois pobres e únicos exemplares.

Existência efêmera, na verdade, que não sabemos a que atribuir, se à fragilidade da sua própria essência ou à aridez

do terreno destinado a sua fecundação. O certo é que não vingam. E as pequenas exceções que surgem não servem senão para confirmar a regra.

Há, todavia, no momento — e aqui entra a exceção —, em meio a esse campo desoladamente sáfaro um como que oásis simbolizando o esforço e a tenacidade de meia dúzia de idealistas que, por assim serem, não se deixam entibiar pelos obstáculos que procuram obstruir-lhes o caminho, e vão, na medida de suas forças, sustentando aquilo que elegeram objeto de seu ideal.

Referimo-nos à Revista da Academia Amazonense de Letras e seus organizadores, da qual o último número nos vem de ser ofertado gentilmente pelo seu secretário, o escritor Pe. Raimundo Nonato Pinheiro.

Fruto mais da dedicação e boa vontade dos ocupantes do nosso Silogeu que mesmo uma decorrência natural e inerente à vida daquele Instituto, vem a Revista vencendo as dificuldades próprias do meio, estando, não obstante, no seu 7.º número. Louvável a todos os títulos o esforço desses batalhadores que procura manter de pé, embora sem a regularidade que era de esperar-se, por ventura o único órgão de publicidade literária em nossa terra.

Sem pretender fazer crítica mas apenas registrar nossas impressões de leitura, vamos falar aqui, ligeiramente, de alguns trabalhos e seus autores tomados ao acaso da coletânea.

“ORAÇÃO DE POSSE” — Aderson Menezes. Discurso que pronunciou quando da sua tomada de posse no Silogeu. Boa peça oratória onde se destaca, sobretudo, a sua redação fácil e bem cuidada. Expondo suas idéias com clareza, sem atavios, numa linguagem acessível a todos, o Sr. Aderson Menezes talvez seja hoje, entre os seus pares, o que mais bem escreva, no sentido não só da correção gramatical como do apuro estilístico. Seu trabalho, contudo, guardadas as distâncias, não apresenta qualidades literárias dignas de nota, se tomarmos aqui êstes têrmos como expressão de beleza, de sensibilidade comovedora que a Literatura, como arte que é, está apta a proporcionar-nos. Sua oração, como aliás acontece

com todos os seus escritos, é menos do intelectual integrado no mundo das letras pròpriamente dito — é o que sentimos na realidade — que do professor de Direito austero e culto. Não vai nisso, é bem de ver, nenhum apoucamento de mérito do jovem e talentoso acadêmico.

**“DISCURSO DE SAUDAÇÃO”** — Aristophano Antony.

— Discurso com que saudou o recipiendiário Aderson Menezes, neste trabalho mostra-se o Sr. Aristophano Antony, mais uma vez, o cronista elegante e conciso que já nos habituamos a ver na primeira página de “A Tarde”. Prosa enxuta, equilibrada, numa economia admirável de termos, o conhecido acadêmico não se utiliza senão do essencial ao seu meio de expressão. Suas imagens discretas e oportunamente ajustadas, revelam-nos o escritor na pleniposse da sua capacidade intelectual, senhor, já, do seu próprio estilo. “Discurso de Saudação” e “Crítica aos Críticos”, duas colaborações suas à Revista, são por isso, excelentes peças literárias, constituindo-se um dos pontos altos da referida publicação.

**“PERFIL DE LEOPOLDO NEVES”** — Djalma Batista

— Ensaista seguro, conferencista exímio e de alto coturno o Sr. Djalma Batista não decepciona como cronista. E é o que nos diz a sua crônica marginada onde, num estilo vivo e harmonioso, enfoca um dos episódios da vida do Dr. Leopoldo Neves, ex-governador do Estado.

**“PALAVRAS AO MESTRE”** — Mendonça de Souza —

Pairando num plano elevado na excursão que vimos fazendo através da Revista, até então, neste trabalho do Sr. Mendonça de Souza como que sentimos um ligeiro declínio e a consequente ausência do bom gosto que vinha marcando as páginas do órgão acadêmico. Escrevendo num estilo inseguro, referto de recheios bombásticos e lugares-comuns, a leitura do trabalho do conhecido imortal enfada facilmente. Preocupando-se mais com a ressonância que com o conteúdo, a essência dos períodos, chega a escrever, num só artigo, frases dêste jaez: “fulgurante Péricles Moraes”, “tão inolvidável e desvanecedora satisfação?”, “formosas refulgências do espírito”, “explendor da nossa inteligência”, “comunicativa ressonância da

Literatura Brasileira”, “vasta cintilações deslumbrantes de existência preexcelso”, etc., etc.. Um dos pontos baixos da Revista.

“EPIFANIA DA SELVA” — Padre Nonato Pinheiro. — Falando de Ferreira de Castro e o seu livro famoso. “A Selva”, êste escritor apresenta-se aqui com o mesmo garbo com que estamos acostumados a vê-lo nas páginas dos periódicos locais. Guardião do vernáculo, o padre Nonato Pinheiro tem a obsessão da forma perfeita, da frase bem ajustada, da linguagem limpa e faiscante. Seus artigos na imprensa cotidiana espelham com fidelidade essa sua paixão pela língua, que de resto só resultados benéficos pode proporcionar aos que o lêem e aos que o admiram. Dizendo de seu encantamento pela obra famosa, êle retrata, com acuidade, aspectos da personalidade do seu autor que, nada obstante a sua condição de alienígena, soube, como ninguém, transportar com maestria para as páginas de “A Selva” o que de autêntico e fascinante há no mundo selvagem e extraordinariamente fantástico da Amazônia. Bom ensaio, estudo sério de um dos nossos mais palpitantes assuntos, “Epifania da Selva” do reputado filólogo e ensaísta amazonense se enfileira aos excelentes trabalhos consignados na Revista.

“HOMENAGEM A “ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS” — J. Pereira de Castro. — Não fôsse tratar-se de uma publicação séria como o é a Revista da Academia, e tomaríamos o soneto do Sr. J. Pereira de Castro (da Academia de Letras do Distrito Federal) como uma “blague”, uma brincadeira de mau gosto, uma caçoada dêsse poeta (?) para com os seus confrades do Silogeu amazonense. Em verdade, o trabalho em verso com que o citado acadêmico homenageia os seus colegas é uma autêntica e proclamada tolice. Não vamos longe. Limitamo-nos a transcrever para os leitores apenas a primeira quadra da “primorosa” composição :

“Senhores imortais do grande Estado,  
Que é o berço da cultura e do talento —  
No vosso Silogeu conceituado,  
Mais brasileiro sou, neste momento”.

“AUGUSTO DOS ANJOS — poeta da vida” — Luís Pinto. — Na pretensa defesa da tese de que Augusto dos Anjos era “o poeta da vida” e não o da morte, como assim ficou sendo conhecido de todos, sai-se o Sr. Luís Pinto (da Academia de Letras da Paraíba), na conferência que realizou na Academia de Letras dêste Estado, a proferir despautérios que é um não acabar mais. E o de que se serve o árdego imortal para destruir a proposição firmada não por um, nem dois, nem três mas por uma plêiade de consagrados escritores de que Augusto dos Anjos era realmente “o poeta da morte”? Advoga que o autor de “Eu e Outras Poesias” amava a vida e porque amava a vida não podia ser chamado de “o poeta da morte”. Ora, não é preciso ter olhos le lince para se perceber que o argumento do conferencista é infantil e barato: cai pela base e se esboroa na sua cachola ôca.

Augusto dos Anjos, o talentoso vate dos tamarindos, não era chamado “o poeta da morte” por não amar a vida. Êste cognome lhe foi atribuído em razão do seu apêgo às coisas tristes, mórbidas, tétricas, o que fazia os temas preferidos dos seus versos estranhamente inspirados. Falar de cemitérios, ataúdes, vermes, podridões era para êle a única maneira de contentar o espírito. E como Baudelaire, na França, seu principal êmulo, sua musa só vibrava inspirada nesses assuntos lúgubres. Uma vista d’olhos pelos títulos, apenas, de seus poemas, dão-nos conta disso cabalmente: “O Morcego”, “O Deus-Verme”, “O Lupanar”, “O Caixão Fantástico”, “A um Carneiro Morto”, “Vozes da Morte”, “Vozes de um Túmulo”, “Obsessão do Sangue”, “Asas de Corvo”, etc.

O douto Sr. Luís Pinto, porém, não entende assim e, arvorando-se a original, chega a ser quixotesco na tentativa de derrubar falsos conceitos onde não existem senão maciços e indestrutíveis argumentos.

Na sua prosa caçanje onde, entre outras preciosidades, encontramos um “coração chorando de emoção”, um “mages-toso”, um “esquesito”, umas “esplanações” e umas “esplosões”. êle vai ao cúmulo do ridículo e da pretensão taxando o

grande Álvaro Lins de "mediocre e afortunado criticador". Não percebe, porém, o literato das arábias que está tentando inútilmente colocar em um dos maiores e mais lídimos escritores da nossa língua um título que, por ser dêle (Luís Pinto), só nêle pode perfeitamente se ajustar.

"A CRÍTICA"

---

OITO LUSTROS

*Padre NONATO PINHEIRO*

*(Membro da Academia Amazonense de Letras)*

Os acadêmicos acabam de festejar, com a brilhante colaboração da culta imprensa, o transcurso do quadragésimo aniversário de fundação do Silogeu. No dia um de janeiro de 1918, nascia a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, abrangendo trinta lídimas expressões da cultura do Amazonas, que pontificavam nas letras, na poesia e no jornalismo. Seu nome primitivo foi "SOCIEDADE AMAZONENSE DE HOMENS DE LETRAS", posteriormente demudado no atual, por proposta vitoriosa do acadêmico Raul de Azevedo, que tanto trabalhou, até o último instante de vida, pela grandeza do sodalício, inclusive conseguindo a filiação da companhia na Federação das Academias de Letras do Brasil.

Na celebração dos oito lustros, é justo que evoquemos, como num carro de triunfos, os primeiros "de viribus illustribus" que a enaltecera: Benjamim Lima, Adriano Jorge, Ribeiro da Cunha, José Chevalier, Raul Azevedo, Jorge de Moraes, Taumaturgo Vaz, Benjamim de Sousa, Otávio Sarmiento, Araújo Lima, Nunes Pereira, Araújo Filho, Péricles Moraes, Paulo Eleutério, Carlos Chauvin, Raimundo Monteiro, Gaspar Guimarães, Mendonça Lima, Huascar de Figueiredo, Genésio Cavalcante, Aurélio Pinheiro, Odilon Lima, Jonas da Silva, Coriolano Durand, João Leda, Dorval Pôrto, Alcides Bahia, Virgílio Barbosa, Álvaro Maia e Aquiles Bevilaqua. A primeira vaga que se deu, foi logo preenchida por Heliodoro Balbi, um dos astros mais luzentes que já ilustraram o

firmamento da intelectualidade amazonense, orador de lampejos empolgantes, cujo nome enflora um dos mais belos recantos de Manaus.

Das trinta primeiras colunas, quatro apenas permanecem de pé, como aquêle buriti perdido da página policrômica de Afonso Arinos, "testemunha sobrevivente do drama da conquista"... Refiro-me aos acadêmicos Virgílio Barbosa, Paulo Eleutério, Nunes Pereira e Álvaro Maia. Tenho notícias de que Virgílio Barbosa, sem embargo de já haver passado por morto, ainda vive no Rio de Janeiro, em dolorosas condições mentais, vítima de uma das muitas contingências da vida, a que todos estamos expostos. Paulo Eleutério reside em Belém. Já lhe ocorreram vivos desejos de recolher-se a um convento, procurando no claustro a paz das bem-aventuranças. Nunes Pereira e Álvaro Maia não perderam o contacto com a terra, e ainda honram a Academia com abundantes safras intelectuais.

No ano quadragésimo da fundação do sodalício, Álvaro Maia, um dos trinta fundadores e um dos quatro supérstites, abre sua inteligência em belezas e policromias, como uma palmeira em flor, para brindar-nos com **BUZINA DOS PARANÁS**", prestes a sair dos prelos fecundos da Tipografia Fénix, cujos editôres já se tornaram beneméritos de nossa terra.

No quadro dos fundadores ostentaram intenso fulgor dois irmãos notáveis: Benjamim Lima e Araújo Lima, os "dois irmãos Goncourt da Academia", na feliz estimativa de Nunes Pereira. O segundo tornou-se, se não erro, mais glorificado no Brasil, especialmente depois da edição de sua monumental obra "A Amazônia — a terra e o homem", uma das produções mais sérias e mais sóbrias que já surgiram sobre a pletórica Hileia das águas impetuosas e das matas alucinantes. Entretanto, seu irmão foi outra mentalidade e outro artista de requintada sensibilidade. Dêle possuo um trabalho literário, mas êste tão cheio de refulgências, que parece haver absorvido tôda a rutilância do seu espírito privilegiado, onde coruscavam todos os sóis do talento, da beleza e da arte. Reporto-me a uma conferência luminosa que êle proferiu no Teatro Amazonas, quando morreu Olavo

Bilac, o cintilante aedo da "Via Láctea". A Academia teve a feliz idéia de publicar êsse primor, que fará parte de uma antologia que pretendemos editorar. No pórtico do folheto, como um arco de triunfo, Adriano Jorge, que lhe sucedeu na presidência, engrinaldou uns períodos estelares, como êle tão bem sabia preparar naquele portentoso gabinete de iluminuras, que era sua poderosa cerebração. Só êste lanço de Adriano immortaliza Benjamim Lima :

"Para êste magnífico e ardente cântico de glória, que o nosso mais primoroso burilador da Frase entoou deslumbradamente, cadenciando ao ritmo enternecido de seu coração o peregrino incensário de sua encantadora e serena eloquência, quisemos a vida mais intensa e mais duradoura desta forma de publicidade".

Poderá haver maior elogio? Adriano Jorge, artista fascinante do estilo e mágico fabricante de imagens empolgantes, não hesitou em tirar da própria frente a coroa faiscante da primazia, para depô-la sôbre a cabeça de Benjamim Lima, a quem conceituava "o nosso mais primoroso burilador da Frase"...

Adriano Jorge ainda está bem vivo em nossa retina e em nossa saudade. Augusto pelo nome, pela inteligência, pela pena e pelo verbo, sua passagem na presidência da Academia foi uma permanente fulguração. Infelizmente não deixou um livro sequer, para comunicar à posteridade a grandeza da sua inteligência, onde amanheciam alvoradas triunfantes e cintilavam estrêlas de genialidade.

Araújo Filho representa outra notabilidade na história da Academia. Jurista de tomo, humanista de cultura ecumênica, que lia a Eneida e a Iliada no original, foi immortalizado pela consagrada palavra de Péricles Moraes no suntuoso livro "A VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO". Ficou célebre uma conferência que êle proferiu no salão nobre do IDEAL CLUBE, em abril de 1923, sôbre o homem culminante da Pátria; Rui BARBOSA!

Gaspar Guimarães brilhou entre os maiores. Inteligência de sábio, com perspectivas ilimitadas, adentrou-se nos arcanos da Vida, sôbre cujo tema produziu um estudo lapidar, que a Imprensa Pública deu a lume em 1929.

Ribeiro da Cunha, cujo nome ainda não se extinguiu porque fulgura no frontispício de um Grupo Escolar de nossa capital, era um verdadeiro polímato, conhecendo de raiz a ciência da Medicina e as ciências físicas e naturais. Maior do que sua inteligência, só aquela modéstia incorrigível que lhe emoldurou toda a serena existência. Sábio e modesto como todos os sábios, dizem que deliberadamente ocultava seus formosos talentos, como se pedisse desculpas da própria grandeza.

Raimundo Monteiro, Jonas da Silva e Th. Vaz foram os mais brilhantes poetas que embalsamaram o berço da Academia. Com estilos distintos e diferentes preferências, encheram a confraria com a apoteose deslumbrante das suas lúcidas emoções. Salvo melhor juízo, palpita-me que Raimundo Monteiro, o autor de "HORAS LENTAS", era mais aristocrático na sua poética, até mesmo pela pompa e bizarría das formas peregrinas, como se fosse um grego que escapasse da velha Hélade para o cenário luxuriante do Madeira.

Jorge de Moraes manteve bem alto o primado da sua rica e fulgente mentalidade. Sua glória parece agonizar na lembrança da posteridade. Forças estranhas arrancaram-lhe o nome de uma das ruas da cidade, hoje consagrada a Rui Barbosa. Sua memória, porém, não se extinguirá na recordação dos membros da Academia.

José Chevalier deu ao sodalício o máximo do seu eternecido devotamento. Tenho a triplice honra de ter sido seu discípulo no Colégio Don Bosco e de suceder-lhe na cadeira de Afonso Arinos (hoje de João Ribeiro) e nas funções de secretário.

Carlos Chauvin e Coriolano Durand, dois mestres da língua francesa, também foram fundadores, juntamente com Benjamim de Sousa, Otávio Sarmiento, Mendonça Lima, Genésio Cavalcante, Aurélio Pinheiro, Odilon Lima, Dorval Porto, Alcides Bahia e Aquiles Bevilacqua, cujas culturas não deslustraram os brasões da Casa.

João Leda, preexcelso vernaculista, que tanto se distinguiu no amor e no cultivo do nosso idioma, marmorizando páginas

magistrais pela pureza da linguagem, sempre figurou entre os primeiros. Huascar de Figueiredo ainda vive na lembrança da terra e dos seus irmãos de ideal. Foi um dos pilares mais fortes do jornalismo amazonense, que se caracterizou pela finura de suas expressões sardônicas.

Péricles será sempre o Péricles inesquecível. Não sei bem se a Academia era sua vida, ou se éle é que era a vida da Academia. Creio que scerto em afirmar as duas verdades. Seu nome está insculpido com letras imperecíveis na Academia e nos corações dos acadêmicos, que ainda hoje pranteiam a perda irreparável. A Academia, como a exemplar viúva Andrômaca de Miranda Moraes, no amargor da sua solidude, ainda continua inconsolável: "renuit consolari", como a tristonha Raquel bíblica...

Quarenta anos são passados. Os atuais acadêmicos continuarão a obra dos seus antecessores, ontem sob a luminosa presidência do ministro Waldemar Pedrosa, que já é um brasão da cultura nacional, e hoje sob a presidência de Leônicio de Salignac e Sousa, que honra o sodalício com a opulência helênica da sua inteligência radiosa e do seu verbo milagroso!

"A Gazeta", 11.1.1958.

## Nossas Crônicas

**HOMENAGENS AOS ACADÊMICOS ALVARO MAIA E MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO** — Realizou-se no dia 8 de fevereiro do corrente ano uma reunião festiva na Academia, em homenagem aos acadêmicos Alvaro Botelho Maia e Mário Ypiranga Monteiro, por motivo da publicação de suas obras "BUZINA DOS PARANÁS" e "REGATÃO", ambas editoradas pela Tipografia Fênix. A sessão foi presidida pelo acadêmico Leôncio de Salignac e Sousa, tendo proferido a saudação o acadêmico Padre Nonato Pinheiro. O acadêmico Álvaro Maia agradeceu a festa em rutilante improviso.

**CONFERENCIA DO ACADÊMICO PAULO ELEUTÉRIO** — Estêve entre nós, depois de longos anos de ausência, o preclaro acadêmico Paulo Eleutério, um dos quatro fundadores remanescentes da Academia Amazonense de Letras, que ora reside em Belém. Paulo Eleutério proferiu interessante palestra na sede do Sílogeu, fazendo o tema "POESIA E ANTI-POESIA". O conferencista foi saudado pelo acadêmico Padre Nonato Pinheiro. A sessão foi presidida pelo acadêmico Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa.

Transcrevemos, a seguir, a cintilante crônica com que o insigne acadêmico Aristophano Antony assinalou a presença, entre nós, do acadêmico Paulo Eleutério:

### PAULO ELEUTÉRIO

Paulo Eleutério, o venerando educador de várias gerações amazonenses, está, desde ontem, em Manaus,

onde viveu por tantos anos, exercendo atividade incessante no magistério e no jornalismo. Sócio fundador da Academia Amazonense de Letras, o confrade eminente veio revêr a terra dos seus filhas diletos e dos seus amigos e discípulos. Honro-me de ter sido seu aluno no Ateneu "Pedro II". Matriculei-me, por insistência sua, na antiga Escola Agrônômica, que abandonei no primeiro ano. E ainda pelas suas mãos fui levado à Faculdade de Direito, que resolvi não cursar. Em ambas as ocasiões, contrariei os seus planos de me fazer "doutor".

\* \* \*

Mas não fugi ao fascínio de me fazer jornalista, em cuja classe êle, o meu prezado professor, sempre foi um mestre consumado. Já diretor de A TARDE, ao passar por Belém, saudou-me o homem erudito, pelas colunas da "Folha do Norte", que então secretariava. Dizia, na sua bondade de sempre, que não era ao aluno que se dirigia, mas ao confrade que bemqueria, desbordando-se em adjetivações à minha pessoa. Depois disso, nunca mais nos vimos, até que êle, sem aviso prévio, aqui chegou, há uns três anos, para matar saudades da sua Manaus. Saudei-o, por minha vez, destas colunas, prestando-lhe as minhas homenagens, a quaisquer títulos merecidas.

\* \* \*

Ontem, tive a satisfação de abraçá-lo de encontro ao coração. Paula Eleutério vem realizar uma conferência literária na Academia Amazonense de Letras. Falará sôbre a velha e a nova poesia, poeta primoroso que sempre foi e continua sendo. Defenderá o antigo metro, o clássico, para arremeter, furioso, contra os que, amontoando vocábulos, se consideram aedos. Está disposto a enfrentar a onda contrária, dos chamados renovadores, os modernistas, cujas estrofes capengas lhe causam náuseas e lhe tritiram os nervos. Tudo para manter, no seu lugar insuplantado, a dignidade da poesia. E, orgulhoso, dirá como Martins Fontes aos que o condenarem:

## REVISTA DA ACADEMIA

Pode o tufão rugir, sanguissedento,  
pode increspar-se o mar, erguer-se o vento,  
bolhar, ferver a fúria da maré . . .

Só, inerme, impassível, resoluto,  
quero encarar o temporal que escuto,  
quero à borrasca resistir de pé.

### ARISTOPHANO ANTONY

---

#### PUBLICAÇÕES

Com satisfação registamos a publicação das obras "BUZINA DOS PARANÁS", "REGATÃO" e "AMAZÔNIA PANTEISTA", da lavra, respectivamente, dos acadêmicos Alvaro Maia, Mário Ypiranga Monteiro e Mavignier de Castro.

As três obras foram lançadas pelos Editôres Sérgio Cardoso & Cia. Ltda., já consagrados pela perfeição dos seus trabalhos. Efetuou-se o lançamento dos referidos livros na LIVRARIA ACADEMICA, em dias distintos, com grande afluência de intelectuais e amigos dos autores, falando, em nome da Academia, os acadêmicos Djalma Batista, Padre Nonato Pinheiro e Ministro Waldemar Pedrosa. Estampamos neste número dois fulgurantes pronunciamentos sôbre o livro de Mavignier de Castro, emitidos pelos acadêmicos Djalma Batista e Waldemar Pedrosa, membros dos mais alumiados do Silogeu.

A imprensa culta do Amazonas recebeu com flôres as três valiosas publicações.

## Visita do Arcebispo Metropolitano

Tivemos a grata satisfação de receber a visita do novo Arcebispo de Manaus, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom João de Sousa Lima. O eminente Antistite foi recebido com as honras do estilo em sessão solene, presidida pelo acadêmico Leôncio de Salignac e Sousa, que também fez a saudação ao Prelado. Transcrevemos a noticia relativa à sessão, estampada no "JORNAL DO COMÉRCIO".

### RECEBIDO FESTIVAMENTE NO SILOGEU O NOVO ARCEBISPO

### DOIS DISCURSOS MARAVILHOSOS FORAM PRONUNCIADOS

A Academia Amazonense de Letras viveu ontem uma de suas tardes mais luminosas, com a visita protocolar do novo Arcebispo Metropolitano Dom João de Sousa Lima. Cerca das 16,30, dava entrada no recinto da "Imortalidade" Sua Excelência Reverendíssima, que se fez acompanhar dos Revmos Padre Nonato Pinheiro e Frei Vicente Echegaray, sacerdote agostiniano, que representou sua Ordem Religiosa na solenidade. Já se encontravam no salão nobre altas autoridades e pessoas gradas, entre as quais nossa reportagem conseguiu anotar as seguintes: Deputado Oséas Martins, representante da Assembléa Legislativa, vereador Jorge Abra-

him, representante da Câmara Municipal, Desembargador Emiliano Stanislau Afonso, Dr. Renato Rocha, Dr. Vicente Torres, Revmo. Frei Miguelângelo de Marenella, custódio dos Padres Capuchinhos, algumas religiosas das diversas Congregações, com representação dos respectivos colégios, alunas do Instituto Benjamim Constant e da Casa da Divina Providência, e muitas outras individualidades.

Aberta a sessão, a pianista Jerusa Mustafa, consagrado elemento do nosso meio artístico, interpretou magistralmente o "Prelúdio para órgão em Sol Menor", de Bach. A seguir, o presidente Leôncio de Salignac e Sousa proferiu notabilíssima saudação ao egrégio Antistite, pondo em realce o papel da Bíblia e da Religião como fontes perenes e inspiradoras de beleza literária e artística. O discurso do acadêmico foi uma alocução referta de lampejos e de imagens seduzentes, tendo arrancado da culta assembléia calorosos aplausos. Serenadas as aclamações, a pianista Jerusa Mustafa executou "Allegro Maestoso do concerto em Mi Menor", de Chopin. Em seguida usou da palavra o homenageado, Sua Excelência Reverendíssima o Sr. Dom João de Sousa Lima, que pronunciou um discurso de alta beleza literária, cheio de brilhantes tropos, prendendo aos seus lábios o exigente auditório. Uma salva de palmas delirantes abafou as últimas palavras de Dom João de Sousa Lima, que manifestou sua alegria por aquêlê encontro com os expoentes da cultura da terra.

Como chave de ouro, fêz-se ouvir mais uma vez a pianista Jerusa Mustafa, interpretando a "Grande Valse Brillante" opus 18, de Chopin. Nossa reportagem anotou a presença dos seguintes acadêmicos: Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, Desembargador André Vidal de Araujo, Desembargador Sadoc Pereira, Padre Nonato Pinheiro, Aristophano Antony, Djalma Batista, Moacyr Rosas, Mavignier de Castro e Genesino Braga.

## Estatutos da Academia Amazonense de Letras

Artigo 1.<sup>o</sup> — A Academia Amazonense de Letras fundada a 1 de janeiro de 1918, com a denominação de Sociedade de Homens de Letras<sup>o</sup>, e filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, tem por fim a cultura do idioma e da literatura nacional mediante a ação individual ou coletiva de seus membros.

§ único — A Academia compõe-se de trinta membros efetivos e perpétuos, além de sócios correspondentes, honorários e beneméritos, cujo número é ilimitado.

Artigo 2.<sup>o</sup> — Para as cadeiras do sodalício são designados os seguintes patronos: cadeira n.<sup>o</sup> 1 — Péricles Moraes; cadeira n.<sup>o</sup> 2 — Euclides da Cunha; cadeira n.<sup>o</sup> 3 — Gonçalves Dias; cadeira n.<sup>o</sup> 4 — Sílvio Romero; cadeira n.<sup>o</sup> 5 — Araújo Filho; cadeira n.<sup>o</sup> 6 — Adriano Jorge; cadeira n.<sup>o</sup> 7 — Maranhão Sobrinho; cadeira n.<sup>o</sup> 8 — Torquato Tapajós; cadeira n.<sup>o</sup> 9 — Machado de Assis; cadeira n.<sup>o</sup> 10 — Barão do Rio Branco; cadeira n.<sup>o</sup> 11 — José Verissimo; cadeira n.<sup>o</sup> 12 — Olavo Bilac; cadeira n.<sup>o</sup> 13 — Tobias Barreto; cadeira n.<sup>o</sup> 14 — Barão de Santanna Nery; cadeira n.<sup>o</sup> 15 — Graça Aranha; cadeira n.<sup>o</sup> 16 — João Leda; cadeira n.<sup>o</sup> 17 — Francisco de Castro; cadeira n.<sup>o</sup> 18 — Jonas da Silva; cadeira n.<sup>o</sup> 19 — Coelho Neto; cadeira n.<sup>o</sup> 20 — João Ribeiro; cadeira n.<sup>o</sup> 21 — Tenreiro Aranha; cadeira n.<sup>o</sup> 22 — Farias Brito; Cadeira n.<sup>o</sup> 23 — Cruz e Sousa; cadeira n.<sup>o</sup> 24 — Joaquim Nabuco; cadeira n.<sup>o</sup> 25 — Araújo Lima; cadeira n.<sup>o</sup> 26 —

Rui Barbosa; cadeira n.º 27 — Lafayette Pereira; cadeira n.º 28 — Anibal Teófilo; cadeira n.º 29 — Capistrano de Abreu; cadeira n.º 30 — Castro Alves.

§ único — Ficam mantidos perpétuamente os patronos consagrados pelos Estatutos.

Artigo 3.º — O grau de membro efetivo só será concedido a brasileiros residentes no Amazonas pelo menos há dez (10) anos, que hajam publicado trabalhos de reconhecido mérito literário.

§ 1.º — Trinta dias após a vacância, será aberta inscrição para preenchimento da cadeira, no prazo máximo de dois meses, a qual se fará :

a) — por iniciativa do próprio candidato, mediante petição dirigida ao Presidente da Academia;

b) — por proposta de cinco académicos.

Numa e noutra hipótese devem ser satisfeitos os requisitos d'este artigo.

§ 2.º — Precluso o prazo estabelecido no parágrafo anterior, os pedidos de inscrição, instruídos com as provas exigidas neste artigo, serão apresentados ao Plenário para exame e consequente sufrágio.

§ 3.º — A votação far-se-á por escrutínio secreto, considerando-se eleito o candidato que obtiver, no mínimo, metade mais um dos sufrágios dos membros efetivos.

§ 4.º — O eleito empossar-se-á dentro de seis meses, a contar do dia da proclamação. Sómente por motivo de força superior, a juízo do Plenário, poderá ser concedida a prorrogação do prazo.

§ 5.º — Eleito o candidato, o Presidente designará um académico para fazer-lhe a saudação oficial, devendo o recipiendário entregar-lhe o discurso de posse sessenta dias, pelo menos, antes da investidura. O empossando apresentará na referida alocação um estudo crítico da obra literária de seu patrono e do antecessor imediato na cadeira, com referências aos demais antecessores.

Artigo 4.º — Os sócios correspondentes serão eleitos entre escritores de nomeada quer nacionais, quer estrangeiros, mediante votação secreta por proposta subscrita de três académicos efetivos.

§ único — Os sócios desta categoria poderão usar em seus trabalhos literários ou científicos a designação "Sócio Correspondente da Academia Amazonense de Letras".

Artigo 5.º — Os sócios honorários e beneméritos serão eleitos entre homens notáveis pelos conhecimentos e serviços relevantes prestados à Academia.

Artigo 6.º — A Academia será regida por uma Diretoria composta dos seguintes membros: Presidente, Vice-Presidente, 1.º Secretário, 2.º Secretário, Tesoureiro e Bibliotecário, eleitos biennialmente, por escrutínio secreto, e, cujas atribuições se definem no Regimento Interno.

§ único — A Academia será representada em juízo, e nas relações com terceiros, por seu Presidente.

Artigo 7.º — A Diretoria empossar-se-á, em sessão solene, no dia 1 de janeiro, aniversário de fundação da Academia.

§ único — Falecendo ou renunciando qualquer membro da Diretoria no exercício do seu mandato, serão convocados os académicos para o preenchimento da vaga, respectivamente trinta dias depois do falecimento e quinze após a renúncia.

Artigo 8.º — A Academia reúne com cinco e delibera com dez membros.

Artigo 9.º — A "Revista da Academia de Letras", é o órgão oficial do sodalicio, e o Diretor será designado diretamente pelo Presidente.

§ único — A Revista não aceitará colaborações de homens de letras estranhos à Academia, a não ser que se trate de membros efetivos de outras Academias federadas.

Artigo 10.º — Os membros efetivos poderão usar em seus trabalhos literários ou científicos a designação "Da Academia Amazonense de Letras".

## REVISTA DA ACADEMIA

Artigo 11.º — A Academia terá brasão próprio, selo e carimbo, além de uniforme para uso dos sócios efetivos, tudo de acordo com as normas estabelecidas no Regimento Interno.

Artigo 12.º — A Academia poderá aceitar auxílios dos poderes oficiais e de particulares, para incremento e cultivo das boas letras, nos termos regimentais, realizando concursos literários periódicos, ou concedendo prêmios e menções honorosas aos autores das composições submetidas a seu juízo.

Artigo 13.º — Os presentes Estatutos só poderão sofrer alteração por proposta da maioria dos membros efetivos, em sessão extraordinária "ad-hoc" convocada.

§ único — Verificando-se a extinção da Academia, depois de liquidado o passivo social, passará o seu patrimônio para o domínio do Estado, e os livros, que possuir, serão destinados à Biblioteca Pública do Amazonas.

Manaus, 28 de Dezembro de 1957.

as) *Leocício de Salignac e Sousa*, Presidente  
*Padre R. Nonato Pinheiro*, 1.º Secretário  
*Aristophano Antony*  
*João Mendonça de Sousa*  
*Mavignier de Castro*  
*Mário Ypiranga Monteiro*  
*Félix Valois Coelho*  
*Genesino Braga*  
*Djalma Batista*  
*Aderson Menezes*

### REGIMENTO INTERNO DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

#### *Das Sessões*

Art. 1.º — A Academia Amazonense de Letras reunir-se-á, ordinariamente, no dia primeiro de cada mês; extraordinariamente, sempre que for convocada pelo Presidente;

excepcionalmente, a requerimento de cinco (5) ou mais acadêmicos, irrecusável pelo Presidente, para fins determinados; e solenemente, pelo mesmo processo de convocação, para posse de novos membros ou comemorações intelectuais.

§ único — As sessões serão públicas, salvo motivo superveniente, que exija o comparecimento exclusivo dos Acadêmicos.

Art. 2.º — Nas sessões ordinárias, será cumprida a seguinte ordem:

- a) — Abertura pelo Presidente;
- b) — Leitura da ata pelo 2.º Secretário, discussão e aprovação da mesma;
- c) — Leitura do expediente pelo 1.º Secretário;
- d) — Ordem do dia, com debate e votação da matéria anunciada;
- e) — O que ocorrer, com a palavra facultada aos Acadêmicos.

§ único — Nas sessões extraordinárias e solenes, o Presidente, após a abertura dos trabalhos, anunciará a respectiva finalidade, lavrando-se ata da sessão, que será lida, discutida e aprovada na primeira reunião ordinária subsequente.

Art. 3.º — As votações serão simbólicas, exceto nos casos de escrutínio secreto previstos nos Estatutos e neste Regulamento.

Art. 4.º — A mesa das sessões será integrada pelo Presidente, 1.º e 2.º Secretários, incluindo-se nas solenidades os chefes dos poderes constituídos.

§ único — As autoridades e pessoas de alta expressão social, bem como o novo acadêmico a ser empossado, tomarão assento em lugares reservados.

Art. 5.º — Os Acadêmicos receberão o tratamento de *Excelência* e poderão falar sentados nas sessões ordinárias e extraordinárias; nas sessões solenes falarão da tribuna, exceto o Presidente, que sempre falará de sua poltrona.

*Da Diretoria*

Art. 6.<sup>o</sup> — Compete à Diretoria :

- a) — Velar pela fiel observância dos Estatutos e deste Regimento ;
- b) — Promover a melhor realização dos fins da entidade ;
- c) — Propor, si necessário, a reforma dos Estatutos e deste Regimento, emitindo os pareceres necessários.

Art. 7.<sup>o</sup> — São atribuições do Presidente, que é o representante legal da Academia :

- a) — Presidir às sessões e manter a ordem, para o que poderá chamar a atenção dos Acadêmicos, cassar-lhes a palavra e suspender a sessão ;
- b) — Rubricar os livros, despachar o expediente, assinar a correspondência e designar a ordem do dia ;
- c) — Autorizar as despesas urgentes, submetendo-as à posterior aprovação da Diretoria ;
- d) — Apresentar, na última sessão do ano, o Relatório das atividades sob sua gestão.

Art. 8.<sup>o</sup> — Cabe ao Vice-Presidente substituir o Presidente em seus impedimentos.

Art. 9.<sup>o</sup> — São atribuições do 1.<sup>o</sup> Secretário :

- a) — Superintender os serviços da Secretaria, cujo arquivo ficará sob sua custódia ;
- b) — Redigir, assinar e ler em sessão o expediente da Academia ;
- c) — Apurar as eleições, juntamente com o 2.<sup>o</sup> Secretário ;
- d) — Substituir o Vice-Presidente em seus impedimentos.

Art. 10.<sup>o</sup> — Compete ao 2.<sup>o</sup> Secretário :

- a) — Redigir as atas e lê-las em sessão ;
- b) — Apurar as eleições, juntamente com o 1.<sup>o</sup> Secretário ;
- c) — Substituir o 1.<sup>o</sup> Secretário em seus impedimentos.

Art. 11 — São atribuições do Tesoureiro :

- a) — Ter sob sua guarda e administração o patrimônio social, devendo arrecadar as receitas e pagar as despesas, que serão devidamente escrituradas;
- b) — Apresentar à Diretoria balanço anual, com orçamento de rendas e gastos, quadro demonstrativo de valores e inventário de bens.

Art. 12 — Compete ao Bibliotecário :

- a) — Ter sob sua direção e vigilância a Biblioteca, promovendo-lhe o desenvolvimento por meio de aquisições, ofertas e permutas de livros e revistas;
- b) — Registrar a entrada de obras, organizando-lhe o respectivo catálogo, ou fichário.

*Da Revista da Academia*

Art. 13 — A "Revista da Academia Amazonense de Letras" é o órgão oficial do sodalicio, e será publicada periodicamente, sob a direção de um Acadêmico, estampando colaborações de sócios de qualquer categoria.

§ 1.º — A periodicidade da Revista e os termos de sua edição serão estabelecidos pelo orçamento social.

§ 2.º — A Revista manterá uma secção noticiosa, onde serão publicados os resumos das atas das sessões e tudo que se relacionar com a vida acadêmica.

*Dos concursos e prêmios*

Art. 14 — A Academia concederá prêmios em dinheiro e menções honrosas aos autores de trabalhos literários classificados nos concursos que promover.

Art. 15 — Os concursos serão anuais e versarão sobre os seguintes ramos :

- a) Poesia;
- b) Romance;
- c) Crítica;

- d) História social, política, ou literária;
- e) Ensaio, conto, novela e teatro;
- f) Amazonologia.

Art. 16 — Os prêmios dos concursos deverão ser fixados na respectiva abertura, tomando-se em consideração o orçamento financeiro da Casa.

§ único — Além dos prêmios, serão conferidas menções honrosas aos candidatos classificados em segundo lugar.

Art. 17 — Para inscrição aos concursos, os candidatos dirigirão cartas ao Presidente, anexando um exemplar datilografado do respectivo trabalho literário, indicando especificamente o prêmio a que desejarem concorrer, com a declaração expressa de que se submetem às condições estabelecidas.

Art. 18 — As comissões para julgamento dos concursos serão integradas de três Acadêmicos, designados pelo Presidente, os quais emitirão pareceres, baseados em juízos fundamentais, acérca da classificação ou eliminação dos candidatos.

Art. 19 — Os pareceres serão submetidos a discussão e voto da Academia, admitindo-se substitutivos e emendas, assim na redação como nas conclusões, ouvindo-se, porém, o pronunciamento das respectivas comissões julgadoras.

§ único — E' irrecorrível a decisão do plenário.

Art. 20 — A distribuição dos prêmios e menções honrosas será efetuada em sessão solene, previamente marcada.

Art. 21 — Os Acadêmicos não poderão concorrer aos prêmios da Academia.

#### *Das vestes e insígnias*

Art. 22 — Os membros efetivos da Academia envergarão uniforme próprio, que assim se descreve: casaca e calça azulcinza; louros bordados a ouro na gola e nos punhos; botões dourados; galões dourados na calça; colete branco e gravata da mesma cor; bicórnio de veludo preto, com pluma branca.

§ único — O uso do uniforme é obrigatório somente para os novos eleitos na solenidade de posse.

REVISTA DA ACADEMIA

Art. 23 — O brasão da Academia assim se descreve :

Escudo : Em campo de blau, um livro aberto, encadernado de goles e circundado da inscrição "ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS", de sable.

Timbre : Dois ramos de louros de ouro.

Paquife : Um facho de ouro irradiando de um vaso de prata.

Dístico : Em listel de ouro, a legenda "LITTERARUM SPLENDOREM EXCOLENTES" (cultivando o esplendor das letras), de blau.

Art. 24 — O pavilhão, o carimbo e o selo constarão do brasão da Academia, o qual figurará em cores no primeiro, em preto no segundo e em relêvo no terceiro.

*Disposições Gerais*

Art. 25 — Os membros efetivos da Academia, quando ausentes da capital, poderão enviar seus votos por escrito, para as eleições reguladas pelos Estatutos e Regimento Interno.

Art. 26 — A Academia terá tantos funcionários quantos forem necessários aos serviços da instituição, os quais serão nomeados pelo Presidente, que lhes fixará os vencimentos, de acôrdo com os recursos da Casa e a prévia aprovação da Diretoria.

Manaus, 2 de julho de 1958.

- na) *Leoncio de Salignac e Sousa*, presidente  
*Pe. R. Nonato Pinheiro*, 1.º secretário  
*André Arsújo*  
*Aristophano Antony*  
*Aderson de Menezes*  
*Mário Ypiranga Monteiro*  
*Genesino Braga*  
*Mavignier de Castro*  
*Moacyr Rosas*

## “IM MEMORIAM”

Félix Valois Coelho

5/6/1958

Já estava no prelo a matéria para o presente número da Revista, quando se verificou o súbito falecimento do acadêmico Félix Valois Coelho, que ocupava na Academia a cadeira n.º 9, cujo patrono é Machado de Assis.

Bacharel em Direito, pela Faculdade do Amazonas, professor de língua portuguesa de alguns estabelecimentos de ensino secundário, poeta de requintada inspiração, vernaculista primoroso, o pranteado homem de letras era uma das figuras mais representativas da Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, onde deixou vestígios inapagáveis de uma inteligência pujante, servida por esmerado cultura.

À beira da sepultura falou, em nome da Academia, o acadêmico Padre Nonato Pinheiro. O Silogeu fez realizar uma sessão de homenagens póstumas, por ocasião do trigésimo dia do seu falecimento, tendo proferido o discurso oficial o acadêmico Moacyr Rosas. Pela manhã do mesmo dia se realizaram Exéquias Solenes na Igreja Matriz de São Sebastião, tendo oficiado o acadêmico Padre Nonato Pinheiro. Transcrevemos alguns trabalhos de imprensa, da autoria de membros da Academia, focando a personalidade e a inteligência de Valois Coelho.

## Rosas sôbre um túmulo

Dia de Corpo de Deus. Cinco de Junho. Estava eu em casa, preparando-me para viajar no dia seguinte, pela madrugada quando, às últimas horas da tarde, uma das minhas filhas veio, avisar-me que o rádio estava anunciando a morte de Felix Valois Coelho. Abrira-se, naquêlê instante, mais uma vaga na Academia Amazonense de Letras. Entrava em vacância a poltrona que tem o alto patrocínio de Machado de Assis. E o seu ocupante, até então, fôra um dos espíritos de grande fulguração, elemento de relêvo do maior sodalício de cultura, do Estado. Sabia-o gravemente enfermo e, diáriamente, através de confrades, ia me informando da marcha ascensional da sua enfermidade. Até que a sua hora soou, em derradeira ressonância.

\* \* \*

Felix Valois Coelho. Quem o visse, nas ruas, sem o conhecer, não podia saber que naquêlê físico diminuto existia uma inteligência rebrilhante. Quem o olhasse passar, na sua costumeira modéstia, não poderia nunca julgar que punha os olhos numa das maiores culturas do Amazonas. E que nêsse homem, que nêsse quase anacoreta que vivia mais no seu gabinete de estudo do que nas reuniões sociais, palpitava um filólogo de boa estirpe, um poeta de surtos condoreiros e um estilista, enfim, da

melhor pólpa. Era ãle assiduo às reuniões da Academia Amazonense de Letras, onde se fazia ouvir com acatamento pelos seus pares, que o sabiam illustre, que o sabiam bom, enaltecendo-lhe, por isso, o saber e a largueza do coração.

Há um mês, portanto, Felix Valois Coelho dorme o sono eterno. Despediu-se das conseiras desta vida, o intrépido lutador. Creio que, por não ter tido lazeres, pois consumia as suas horas entre o seu cartório e as catedras em que professava, foi abatido mais pelo trabalho excessivo. Seja como for, a sua morte a todos nos compungiu. E deixou na Academia Amazonense de Letras um claro difícil de preencher. Como que estou a vê-lo, rindo às vezes das nossas irreverências e ele próprio, discretamente, fazendo os seus epigramas, durante as nossas tertúlias no Silogeu. Não participei dos seus funerais, por estar ausente. E hoje, no 30 dia de sua morte, deixo sôbre o seu túmulo, com esta crônica, a minha braçada de rosas vermelhas.

5-7-1958.

ARISTOPHANO ANTONY

# VALOIS COELHO

*Padre NONATO PINHEIRO*

(Membro da Academia Amazonense de Letras)

Com o falecimento do professor Félix Valois Coelho perde a Academia Amazonense de Letras um de seus luminares. Ocupava a cadeira n.º 9, cujo patrono é Machado de Assis, um dos bem-aventurados da sua dulia vernácula. Eleito por unanimidade, foi recebido no Silogeu pela palavra castiça de João Leda. O número 3 da Revista da Academia reproduz o belo discurso de saudação com que o acolheu "sous la coupole" o insigne vernaculista de "Nossa Língua e seus Soberranos". Ressalto este tópico de João Leda, por representar um traço psicológico do extinto: a serenidade imperturbável do seu espírito e a elegância paradigmática com que sempre preliava nas arenas da linguagem:

"Vosso temperamento calmo e vossa reconhecida modéstia são aliás penhor seguro dessa atitude intelectual. Esgrimista por vocação do perigoso estádio da Filologia, nem mesmo aí, onde os bravos torneios pela honra dos advérbios, dos pronomes e das conjunções não raro deixam vestígios de cicatrizes; nem mesmo aí tereis a volúpia felina de lanhar, dilacerar o antagonista. Asseguram isso os revides do vosso livro ARRANHÕES, em cujo saboroso contexto as garras se ocultam na maciez do veludo, tão incruentas como no

criticismo literário, onde haveis provado com excelência as vossas aptidões". ("Revista da Academia Amazonense de Letras", número 3, pág. 84).

João Leda ressaltou a calma e a elegância no comportamento do saudoso acadêmico. E sempre nos deu realmente essa impressão. Possuía a qualidade rara e invejável do pleno domínio de si mesmo. A serenidade habitava em seu espírito e a elegância não o abandonava nunca nas pugnas da inteligência.

Falando à beira de sua campa, no dia de seu enterramento, em nome da Academia, quis enaltecer uma virtude que me parecia primacial na textura luminosa de sua personalidade invulgar: o governo da língua! Todos sabem como é difícil dominar a língua. Citei no ligeiro improviso que procurei reconstituir na edição de "A CRÍTICA" de hoje, a palavra do apóstolo São Tiago, que fazia consistir no governo da língua a plenitude e a verdade da perfeição humana: "Si quis in verbo non offendit, hic perfectus est vir" ("Epístola Católica de São Tiago", cap. III, vers. 2).

São Tiago compara a língua humana ao leme da embarcação. E realmente é esse pedacinho de carne que governa o homem. E' ainda o mesmo apóstolo que a compara à centelha que incendeia toda uma floresta. Chama-lhe fogo e mundo de iniquidade: "Et lingua ignis est, universitas iniquitatis". Governar a língua é coisa tão alta e árdua, que o referido apóstolo chega a insinuar a impossibilidade prática desse luminoso ideal: "lingua autem nullus hominum domare potest: inquietum malum, plena veneno mortifero". Eis aí a dura realidade: "nenhum homem é capaz de domar a língua, que é um mal irrequieto, cheia de veneno mortífero".

Compreende-se agora por que São Tiago fazia consistir no governo da língua o cimo da perfeição humana. Pois o pranteado Valois Coelho atingiu a culminância desse ideal

quase irrealizável: soube domar a língua. A calúnia e a maledicência encontravam sempre em sua pessoa duas barreiras intransponíveis.

Sempre-lhe admirei também a mansidão no trato com os homens. Nunca o surpreendi encolerizado. E quando encontrava labaredas de iras e de odios, sua presença serena e calma era uma ducha de água fria. Homem realmente admirável, êsse Valois Coelho: bom, modesto, caridoso, compreensivo, profundamente humano.

A língua portuguesa sempre mereceu de Valois Coelho os melhores carinhos. Entregou-se ao estudo aprofundado do idioma e chegou a conhecer-lhe os mais íntimos arcanos. Entre os clássicos brasileiros, reverenciava Rui Barbosa, Machado de Assis e Gonçalves Dias. Sobre êste último publicou bellissimo trabalho na imprensa, intitulado "UM ESTETA DO IDIOMA", mostrando a mestria do autor das "Sextilhas de Frei Antão" no manejo da língua e no boleio da frase.

E' de sua lavra o livro "ARRANHÕES", onde historia o rumoroso caso do concurso à cadeira de português da Escola de Comércio "Solon de Lucena", no tempo em que havia os concursos de provas, quando as cátedras não eram tomadas de assalto pelos nulos e incompetentes, circunstância que constitui, a meu sentir, uma das razões capitais do declínio do ensino em nossa terra.

Tive o prazer de ler os originaes de seu livro inédito "DESENGONÇOS". Fiz um esforço hercúleo para conseguir a troca do nome. Êle, porém, na sua modéstia, manteve-se irredutível. E dizia-me: "Que quer você? São mesmo desengonços, os meus versos: desconjuntamentos, desarticulações. Nada mais".

Sei que estava trabalhando no preparo de um dicionário de regimes de verbos. Nunca me mostrou, porém, os originaes. Nem sei se levou a cabo a empresa.

Valois Coelho tinha boa formação religiosa. Era vicentino, e gostava de apreciar e versar temas de natureza religiosa. Conheço-lhe linda página sobre a Cruz, epigrafada "Metamorfose de um Símbolo", que se encontra na Revista da Academia Amazonense de Letras (número 4). O remate é cintilante :

"E o sangue do Homem-Deus, banhando-te, ó Cruz, a escabrosa rijeza, derramou-se pelo mundo, orvalhou almas, abrandou corações, lavou consciências, purificou sentimentos, ao pensamento deu novo rumo, desviou o curso da História.

Destarte, ó lenho venerando, operou-se um prodígio sem par : os teus braços transformaram-se, de algema ultrajante, em laço de união sublime; a tua sombra deixou de indicar o coto das misérias e passou a marcar o asilo da virtude, o refúgio dos acabrunhados pelos rigores da maldade humana.

Remiste a humanidade, espargindo sobre ela o sangue de Jesus, — sangue que, não tendo o azul das nobrezas terrenas, tem o ouro vivo da perfeição divina.

Por isso, empós de ti caminham incessantemente homens e nações. E, na infundável romaria, proclamam de continuo :

"AVE BENDITA CRUZ!"

A Academia (repito) perdeu um luminar. A Casa de Péricles Moraes está de luto. Lamentamos a perda de sua admirável organização mental e a perda do seu dulcíssimo convívio. Nunca faltava às nossas reuniões. E era um encanto para todos nós, seus venturosos confrades, receber nesses encontros a dádiva da sua fraternidade. Franzino de estatura, seu espírito, porém, possuía a corpulência de um gigante. As melhores essências se conservam em frascos pequeninos. Sua passagem deixou sulcos indeléveis; vestígios de talento, de cultura e de virtude. E como foi dito do Levistã bíblico, dêle direi que o caminho por êle percorrido já começa a brilhar : "post eum lucebit semita".

## A CULTURA DE VALOIS COELHO

*Padre NONATO PINHEIRO*

Transcorre hoje o 30.<sup>o</sup> dia do falecimento do acadêmico Félix Valois Coelho, que na Academia Amazonense de Letras ocupava com raro brilho a cadeira n.<sup>o</sup> 9, cujo patrono é Machado de Assis. Ao elegê-lo para a Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, quis o sodalício, na própria designação do patrono, ressaltar-lhe o fervoroso culto da língua portuguesa, em que sempre se distinguiu, mantendo religiosamente acesos os cirios de sua vocação.

Creio que o conhecimento do idioma constituiu o melhor aprovisionamento de sua cultura, sem embargo de o conhecer seguro em História, Francês e em outros ramos de doutrina. Possuiu em larga dose a faculdade de assimilação, esse espécie de ABRE-TE, SÉSAMO da inteligência, que nos abre as portas do saber humano.

O vernáculo foi, irrecusavelmente, a parte mais saliente de sua erudição: a base do edifício e talvez sua cúpula esplendente. Sua prosa limpa refletia imediatamente os brios do vernaculista, para quem o conhecimento do idioma pátrio era qualquer coisa de basilar na cultura de um homem. Nada tinha, porém, de impertinente na defesa e no ensino da língua. Conhecendo bem a sintaxe portuguesa, e mantendo permanente contubérnio com os venerandos padrões da ver-

naçulidade, admitia, entretanto, os fatos da linguagem em nosso país e mostrava-se indulgente em face de certos deslizes cotidianos, de que não escapam doutores de borla e capelo. Haja vista a próclise no início dos períodos, vergastada impiedosamente como atentatória do decôro do nosso idioma, sem embargo dos exemplos de alguns luminares das letras clássicas, entre os quais a suma autoridade do Padre Antônio Vieira, que absolvem o falso brasileirismo, que traz no bojo a marca indelével de velho lusitanismo. Conversando comigo mais de uma vez, a respeito da próclise inicial, declarou-me peremptoriamente: "Já era tempo de absolvermos de vez esse artificioso senão de linguagem. Assim penso, embora recomende aos meus alunos que não usem tal construção, pois seriam flagelados pela condenação dos extremados cultores da língua". A observação do saudoso acadêmico tinha seu fundamento, até porque a verdade verdadeira é que até hoje NINGUÉM provou e convenceu os povos de língua portuguesa por que ficaram privados, nesse particular de próclise inicial, da mesma liberdade que usufruem os de língua francesa, espanhola e italiana, que começam seus períodos com o pronome oblíquo sem desrespeitar as mais austeras tradições dos idiomas de Molière, Cervantes e Dante Alighieri. E por que nós, de língua portuguesa, estaremos impedidos de o fazer, quando temos exemplos de mestres preexcelso, inclusive de Castilho e Vieira?!

Valois tinha outras condescendências: por exemplo, admitia também a construção incorreta "devido a", quando não tem o substantivo que necessariamente o devia preceder. Os que conhecem dois dedos de gramática sabem que só nesse caso se permite o uso de "devido a", como neste exemplo: "O calor excessivo, devido ao sol causticante do verão". Desde que não haja a precedência de um substantivo com o qual concorda a construção, devemos dizer: em razão de, em virtude de, por motivo de, e outras locuções. No número

3 da Revista da Academia Amazonense de Letras, investe com segurança e brilho contra o que chama de "Uma Impertinência de Gramáticos". Trata-se do emprêgo da desinência *eria* em palavras que deveriam terminar em *aria*, uma vez que o sufixo é *aria*. Mestres sobreeminentes como Leite de Vasconcelos, Ribeiro de Vasconcelos, Castro Lopes, J. J. Nunes, Cândido de Figueiredo e outros, combateram de modo temível o uso do elemento *eria*. Valois Coelho, com o seu reconhecido bom senso, e a experiência que lhe conferiu a familiaridade com os clássicos do nosso idioma, versou o assunto com raro equilíbrio, mostrando que os melhores padrões da boa linguagem e a autoridade dos melhores lexicógrafos da língua legitimam a referida terminação.

Além de um volume de versos, Valois tinha em preparo um dicionário de regimes verbais. Como era consciencioso e seguro em suas pesquisas, palpita-me que o trabalho, embora inacabado, se reveste de notáveis excelências, entre as quais a clareza do seu pensamento.

Hoje a Academia renderá suas homenagens póstumas ao luminoso espírito de Valois Coelho. Será orador da solenidade o insigne acadêmico Moacyr Rosas, recebido pelo extinto "sous la coupole", na radiosa noite do dia 28 de outubro de 1950. Moacyr Rosas interpretará a profundidade da nossa consternação, e, sobretudo, a grandeza da nossa saudade. É que Valois não foi apenas no Silogeu um candelabro precioso da cultura. Brilhou pelo saber, mas brilhou também pela sua bondade. Jamais criou um só caso de perturbação em nossa confratria. Pelo contrário: sua presença difundia uma atmosfera de harmonia e fraternidade. Foi exatamente aquilo que êle almejava a Moacyr Rosas, quando lhe deu as boas vindas da Casa: uma "atmosfera de oxigênio", não apenas no sentido da inteligência e nos rumos da cultura, mas ainda nos horizontes da convivência. Incapaz de deslealdade

REVISTA DA ACADEMIA

des, que desvalorizam um caráter. Era franco e leal, obedecendo em toda a linha à sentença admirável do Divino Mestre: "Sit sermo tuus est, est; non, non"! Seja a tua palavra: sim, sim; não, não! Sua boca só possuía uma língua e sua fronte uma só face, desconhecendo a teratologia dos bifrontes e bilingues. Como o Espírito Santo, abominava a boca de duas línguas, que caracteriza os desleais: "Et os bilingue detestor" (Livro da Sabedoria). E por isso governava a língua, para que fôsse exclusivamente o instrumento da sua alma, e o espelho fidelíssimo do seu pensamento. Foi a maior de todas as suas grandezas, lição preexcelsa numa época de felonias desconcertantes!

"A Gazeta", 5-7-1958.

## *Obras Recebidas*

Mosaicos e Azulejos — Paula Faria; Gonçalves Dias — Álvaro Franco Ribeiro; Revista do Instituto Genealógico da Bahia; Revista da Academia de Letras da Bahia (volume XVII; Revista da Academia Friburguense de Letras (n.º 3); Letras (Revista dos Cursos de Letras da Universidade do Paraná).

"EXCELÊNCIAS DO ROSÁRIO PREGADAS POR VIEIRA" — Do nosso sócio correspondente Revmo. Cônego Jorge O'Grady de Paiva, sacerdote da Arquidiocese do Rio de Janeiro, primoroso homem de letras e intelectual de cultura ecumênica, recebemos o precioso volume "Excelências do Rosário pregadas por Vieira" (Editôra Santa Maria, 158 páginas).

O ilustre autor reuniu os melhores sermões do célebre jesuíta sôbre a devoção do santíssimo Rosário. Dentre trinta, escolheu quinze que apresentavam certa concatenação, condensando-os de modo que se mantivesse a unidade e se conservassem inalteradas as idéias capitais, e quanto possível, as palavras do insigne inaciano. E o resultado foi que tivemos um livro admirável, que nos revela a um tempo a grandeza do Padre Vieira, celebrando as glórias da Virgem do Rosário, e o extraordinário poder de síntese que possui o Cônego Paiva. Parabéns ao autor!

## QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

**PARÁ** — Cônego Apia Campos, Edgard Proença, Georjaneor Franco, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

**MARANHÃO** — Antônio Bona.

**CEARÁ** — Byron de Oliveira Freire, Dolar Barreira e Raimundo Girão.

**RIU GRANDE DO NORTE** — Henrique Castriciano.

**PERNAMBUCO** — Mário Mello.

**ALAGOAS** — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luis Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

**SERGIPE** — Luís da Costa Filho.

**BAHIA** — José de Figueiredo Loba e Aloysio de Carvalho Filho.

**RIO DE JANEIRO** — Albertino Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Aristêo G. Leite, Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Clovis Barbosa, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barrasso, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paula Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larraigote, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

**ESTADO DO RIO (Niterói)** — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

**SÃO PAULO** — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barrasso Ramos.

**PARANÁ** — J. M. de Santa Ritta.

**PORTUGAL** — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

**ESPAÑA** — Eugénio de Láscares Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

**FRANÇA** — Serge Deborbieux.

**ITÁLIA** — Rafoel Corso.

**PERÚ** — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

**BOLÍVIA** — Alcides Arguedas.

**COLOMBIA** — Cornelia Hispano e Guillermo Valencia.

**EQUADOR** — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

**URUGUAI** — Carlos Reytes e Emilio Oribe.

**ARGENTINA** — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

**MÉXICO** — Vicente Mendoza.

**ALEMANHA** — Guilherme Giese.

**SÃO DOMINGOS** — Americo Luga.

**CUBA** — Antônio Traizoz.



---

Composta e impresso nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX  
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.  
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmento, 78

Manaus — Amazonas